

julho 1967

mp

ANO IX — 1967 — N° 9/7 — NCr\$ 0,50

PARANÁ, SUA POLÍTICA,
SEUS HOMENS

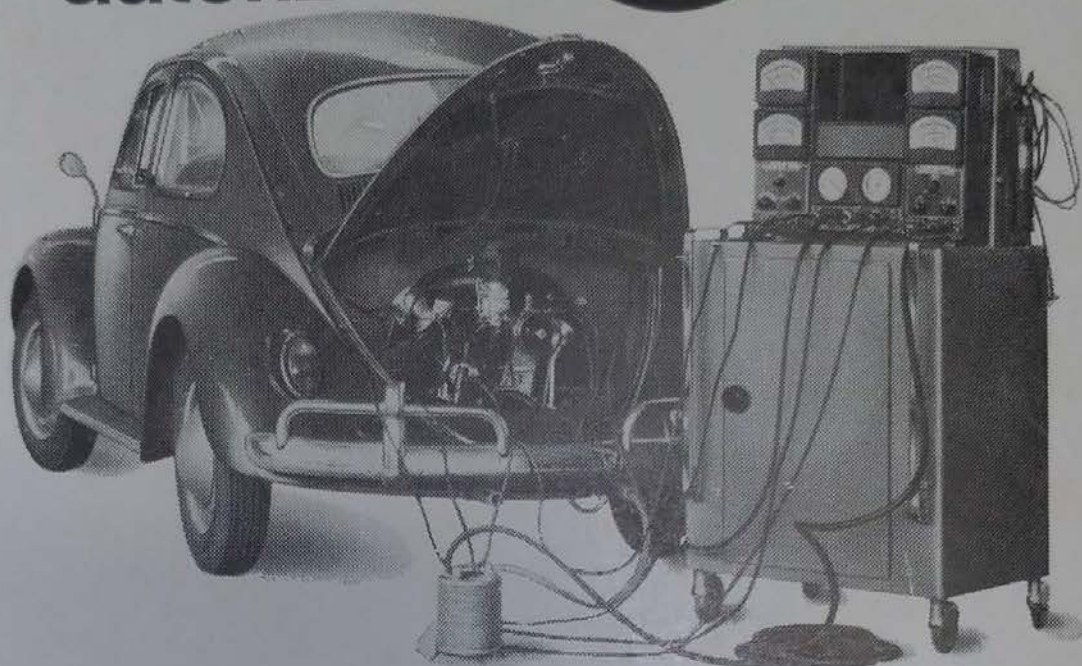
«GUERRILHA» PARA
ABOLIR MINI-SAIA

ESTAMOS BEM
DE SAÚDE?



DIV. PATR. HIST. E CULTURAL - MARINGÁ - PR

mais um
bom serviço
do serviço
autorizado



peça por
peça,
fio por fio,
circuito por
circuito.

é assim
que o nosso
equipamento
eletrônico
vai revisar
o motor do seu
Volkswagen.

Nunca o seu Sedan, Kombi ou Karmann-Ghia sofreu um exame tão rigoroso como vai passar agora em nosso Serviço Autorizado.

É que já temos equipamento eletrônico para análise de motores VW. E o diagnóstico eletrônico é exigente mesmo.

Depois que ele apontar o que o motor e a parte elétrica têm, nossos mecânicos (treinados na própria fábrica, lembre-se) vão saber exatamente onde mexer.

Mas prepare-se para uma surpresa.

SOMACO S/A.

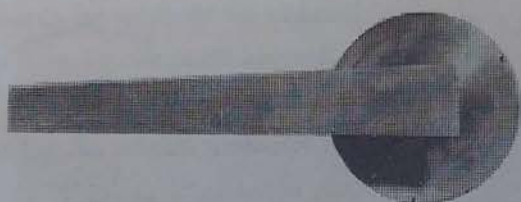
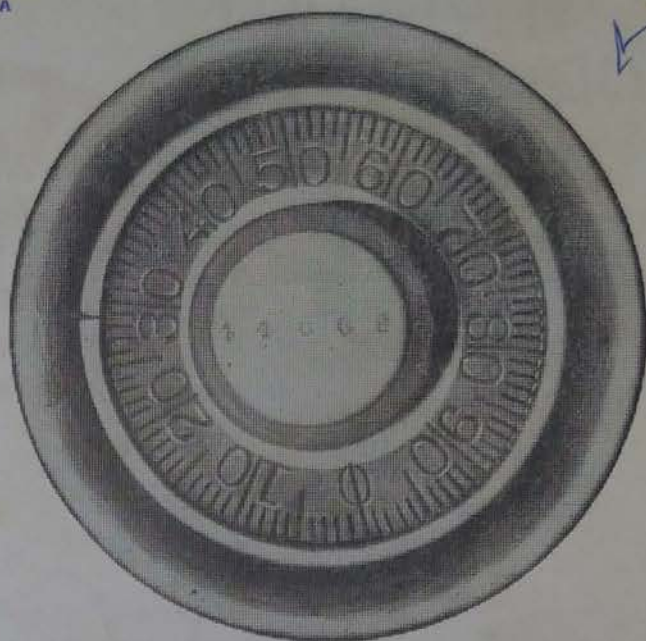
Praça José Bonifácio — Fone 1616 — MARINGÁ



Quando sair de nossa oficina, não vá pensar que nós
trocamos o motor do seu carro por um 0 km.
O equipamento eletrônico é assim mesmo.

Prefeitura do Município de Maringá
SECRETARIA DE CULTURA
DIVISÃO DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL

Art. 1º



nosso
maior
capital:

confiança

Confiança depositada por um número crescente de correntistas que têm certeza de que o Banco do Estado do Paraná exercerá o mais escrupuloso zelo na aplicação de seus haveres, além de se esmerar no atendimento eficiente, rápido e cortês.



**Banco do Estado
do Paraná s/a**





CAPA — A garotinha de 10 anos, da cidade de Rondon, já está no quinto ano primário e vai cursar a Escola Normal, pois conta — e isso com muito orgulho — que a cidade do seu pai (o Prefeito Primo Marquês) tem bons ensino que deve melhorar mais ainda. Ela pediu em cartinha que fossemos a ela para conhecermos as professoras. Pois está aí a homenagem à criança e à professora (foto a pág. 6).

Neste Número:

Destaques, 4

Fim do caderno, adeus à escola, 6

Miss Objetiva: a nossa brilhou, 10

Carvão ajuda a integrar Paraná, 13

A revolução de Mariluz, 14

E a nossa saúde, como vai?, 22

Antônio José, o aliado do mar, 28

Itambé, as abelhas no círculo verde, 30

A Sempre Formosa, 34

Pré-História do Paraná, 44

Um território inteiro em «check up», 46

Tem consêrto, o mundo?, 48

np — NOVO PARANÁ: Publicação Mensal de propriedade da Editora Norparaná. Escritório Central: CURITIBA — Rua Vol. da Pátria, 475 — Edif. ASA — conj. 813 — Tel.: 4-9019 — Ramal 02. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sábão — conj. 106 — Tel.: 125. MARINGÁ: Av. Getúlio Vargas, 266 — 6º andar — conj. 609 — Tel.: 208 — Cx. Postal, 247. PARANAGUÁ: Encarregado MAURICIO VITOR DE SOUZA — Edifício Itiberê — conj. 1 — aptº 6 — Rua Manuel Bonifácio, 356. SÃO PAULO: Rua Maracá, 114 — casa 6 — Tel.: 63-7870. RIO DE JANEIRO: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Av. Getúlio Vargas, 392 — conj. 306 — Tel.: 23-4586. PORTO ALEGRE: Rede Paranaense de Rádio Ltda. — Edifício Formosa — 14º andar — conj. 144. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM, Redator-Chefe: SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGENCIA DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO — CURITIBA. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originais quer sejam ou não publicados.

AS AMAZONAS DO BASEBOL — Surrando equipes masculinas brasileiras, as jogadoras de basebol do S. lonpas, famosa equipe japonesa, mostraram que a mulher naquele país deixou de ser o que era: submissa a padrões familiares do estilo patriarcal. São relações públicas de uma empresa de produtos químicos — Hisamitsu Co. Inc.) e símbolos da civilização moderna. Maringá e Londrina as aplaudiram e Murashigue (foto) foi uma das que ganhou bastante destaque.

DOIS MILHÕES DE ELEITORES

○ Paraná acaba de lançar-se numa campanha de massa tão importante, ou mais, que a de combate ao analfabetismo pela educação de adulto, que a de vacinação contra a varíola e que a de erradicação do «bicho Barbeiro», etc., etc.

E' a campanha de alistamento para o aumento do eleitorado. Que, na verdade, não é bem de aumento, mas de recuperação ou atualização de seu eleitorado, cujo índice está hoje abaixo da média nacional, inclusive dos demais Estados da Região Sul e até de alguns econômica e socialmente bem menos desenvolvidos.

A meta é passar de cerca de um milhão e meio de eleitores para dois milhões, o que poderá levar o Estado da posição de 5º colégio eleitoral do País para o terceiro lugar, só ultrapassado por São Paulo e Minas Gerais, que têm mais do dobro do número de habitantes do Paraná — o que já é alguma coisa.

Aumentar o eleitorado significa dar ao brasileiro do Paraná a oportunidade de se transformar efetivamente num cidadão politicamente atuante na vida de seu Município, de seu Estado e de seu País — o que certamente não é oferecer muito a quem é obrigatoriamente chamado a pagar impostos e a oferecer a própria vida na defesa e afirmação de sua Pátria.

Só pode participar da construção de seu próprio destino quem seja um eleitor, isto é, alguém que adquire o direito de

votar e ser votado para cargos de decisão política, que interferem e influem na sua vida particular. Quem não vota e não é votado nem ao menos goza do privilégio elementar de ter opinião pública, que é o mínimo que se espera do cidadão integrante de uma comunidade, grande ou pequena.

A campanha que se abre é, portanto, uma campanha saudável destinada a erradicar o obscurantismo político dos que acham que podem entregar a sua vida a líderes «iluminados» como os que deitam a cabeça na boca do leão confiantes em que no dia seguinte acordam vivos. A revista NP-NÓVO PARANÁ está, a partir deste número engajada nessa campanha, porque acredita que ela nos pode favorecer na área de penetração municipalista em que atua para incorporar centenas de milhares de homens do interior na vida política paranaense e permitir que sejam ouvidos e atendidos.

Conforta constatar que o atual Governador do Paraná se poz à frente desse movimento de educação cívica e é o primeiro a mobilizar recursos financeiros do Estado num investimento político que ele reputa tão importante quanto suas metas desenvolvimentistas no setor do ensino, dos transportes, de energia elétrica, de telecomunicações, de saneamento, de saúde e de habitação popular. Porque a meta-homem só tem sentido se der, ao lado da infraestrutura básica, consciência política para o cidadão.

O REDATOR CHEFE

DESTAQUES

MDB ABRE OS OLHOS

Para o nosso observador político, CLÓVIS STADLER DE SOUZA, o MDB está à beira do cansaço, pela saturação e esgotamento de sua atuação contra os processos personalíssimos de certos atos governamentais. A convenção emedebista abre caminho para clarear as perspectivas oposicionistas dentro do quadro geral brasileiro (Frente Ampla, eleições presidenciais diretas, sub-legendas e pluri-partidarismo) e do especificamente regional. O importante é evitar que o governo ganhe todos os resultados em iniciativas como a da campanha do aumento do eleitorado para 2 milhões. Apesar de «quentes», as denúncias (como a mais recente do deputado Jacinto Simões de que NEY BRAGA concedeu 1.000 hectares de terras em Tibagi, onde já existem dezenas de posseiros morando há mais de 30 anos) não podem reduzir o processo de ação política que, aliás, por tática ou seja lá o que for, não é, via de regra, aceito pelo situacionismo.

NA AMP TÔDA BATALHA É FINAL

NIVALDO KRUGER (Guarapuava), JOSÉ DA SILVA REIS (Ibaiti), DOMICIO SCARAMELLA (União da Vitória), ILDEFONSO ZANETTI (Irati), LUIS MOREIRA DE CARVALHO (Maringá), NELSON DE FREITAS BARBOSA (Paranaguá), OMAR SABAG (Curitiba) e JOSÉ COLOMBINO GRASSANO (Arapongas) acertaram na Associação dos Municípios do Paraná uma blitz em todos os fronts governamental, parlamentar, associativo, visando manter viva a unidade dos prefeitos contra qualquer tentativa de alterar o sistema atual de vinculação direta. Os srs. AMÉRICO SERPA FERRAZ, da Prefeitura de Londrina e EDGAR TÁVORA assessoram os prefeitos em tudo o que disser respeito à matéria financeira e jurídica. É que a AMP entende que toda a batalha daqui para a frente tem que ser encarada como final.

ORÇAMENTO E ORGANIZAÇÃO JUDICIÁRIA

Depois da aprovação da Lei Orçamentária, cuja elaboração consumiu semanas de trabalho dos deputados, a Assembléia Legislativa passa a discutir, agora, o projeto da Lei de Organização e Divisão Judiciária. O assunto, que vem ocasionando motivações nos meios forenses, está sendo devidamente estudada pela Comissão Especial designada pela Mesa.

ERONDY, CIDADÃO DE CURITIBA

O deputado ERONDY SILVÉRIO, ex-Presidente da Câmara Municipal de Curitiba por três vezes consecutivas, ex-Prefeito em exercício por duas vezes, atual 1º Secretário da Assembléia Legislativa e homem de empresa vitorioso, recebeu o título de «Cidadão Honorário de Curitiba», outorgado pelo Legislativo da Capital.

Bastante emocionado, o parlamentar salientou, no seu discurso de agradecimento, que «aquela solenidade constituía o ápice de sua vida pública».

SIMÕES DENUNCIA «GRILO» DE TERRAS

Ao circular esta revista, a Oposição, através do deputado JACINTO SIMÕES, já terá apresentado, no plenário, denúncia sobre o que considera «um dos maiores «grilos» de terra no Estado». A denúncia está relacionada a um projeto, de iniciativa de ex-governador, propondo a concessão de mais de 1.000 hectares de terras ao sr. João Carneiro, situadas no local denominado Campina, no município de Tibagi. Se aprovado o projeto, mais de três dezenas de posseiros, morando no local com suas famílias há mais de 30 anos, terão de ser expulsos.

PETRÓLEO

O médico David Federmann, de Ponta Grossa, surpreendeu o plenário da Assembléia, com um discurso acusando grupos econômicos de estarem interessados em obstar os trabalhos de pesquisa petrolífera, encetada pela Petrobrás, na região dos Campos Gerais. Os grupos econômicos, que não citou, estariam mais interessados em explorar a venda de terras e criar campos de pastagens.

PARANAGUÁ

As tarifas cobradas pela Administração do Porto de Paranaguá, na exportação de madeira, foram denunciadas pelo deputado arenista Jorge Nasser, como sendo excessivas. Leu, sobre o assunto, matéria divulgada nos jornais, que citavam algumas estatísticas comparativas entre os portos nacionais. Posteriormente, outro deputado arenista, melhor documentado, mostrou que a denúncia era improcedente e que as referidas estatísticas haviam sido publicadas por um grupo de armadores argentinos, sediados em Buenos Aires, com o objetivo de forçar a redução das tarifas dos portos locais que, por sinal, são as mais baixas do sul do País.

CONSULADO

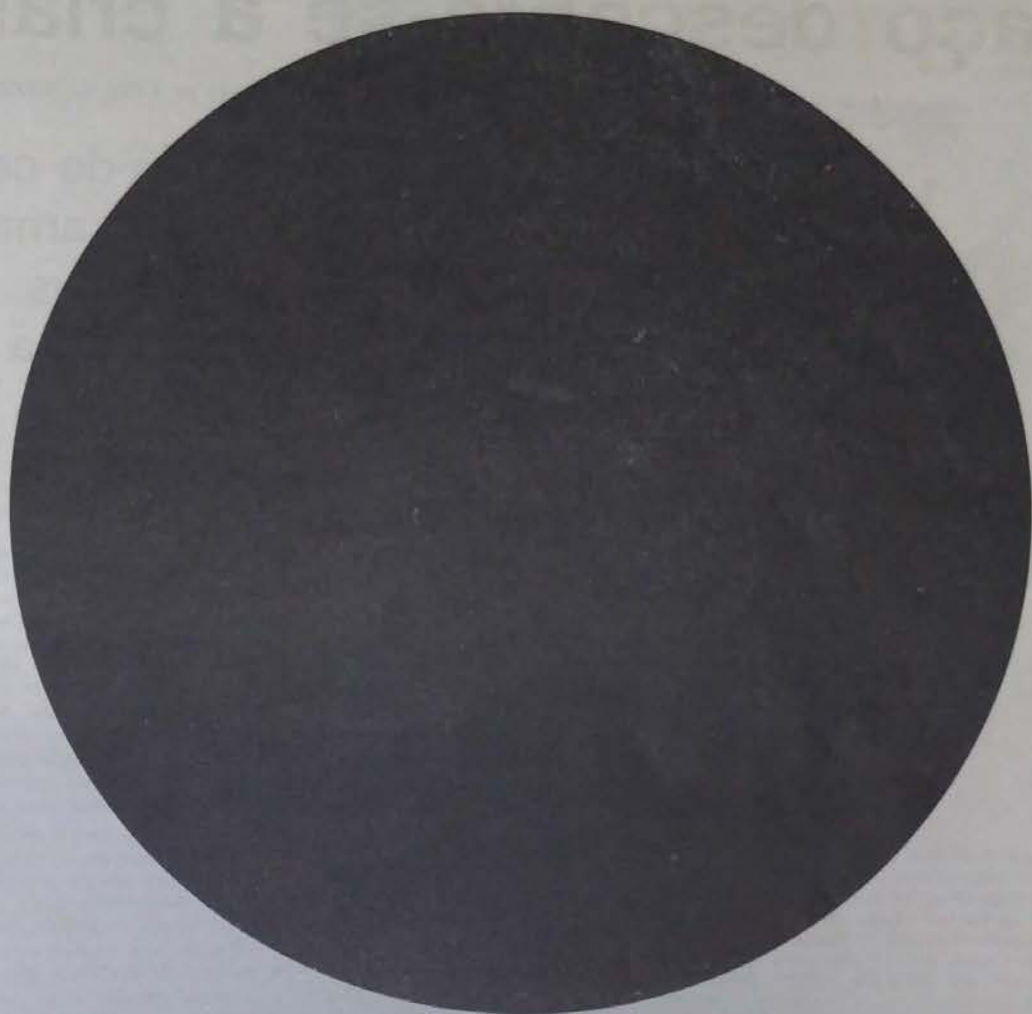
Jorge Sato, o representante da colônia japonesa do nosso Estado na Assembléia Legislativa, tem realizado um trabalho intenso nos últimos dias: Pretende interessar o embaixador do Japão em nosso País, em instalar um consulado em nossa Capital. O Paraná abriga mais de 100 mil descendentes do Sol Nascente, que vêm contribuindo para o nosso desenvolvimento econômico.

ANUNCIE NA

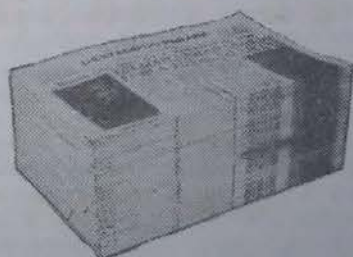
FÔLHA
DO NORTE
DO PARANÁ

COBERTURA TOTAL
DE TODO O
NORTE DO ESTADO

MARINGÁ



SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO
JORNAL
PARANAENSE
FILIA DO AO



Um bom jornal precisa ter manchetes
de dois metros de altura?

Muitos acham que sim.

Nos, não.

O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais
em dar a informação precisa, completa
do que "manchetear".

Achamos que a boa imprensa não é feita
so de tinta e papel.

De sobriedade, também.

O ESTADO DO PARANÁ

OUTUBRO: na busca do espaço descobre-se a criança

Texto de LUIZ G. MAZZA

O fim do caderno e o amargo adeus da escolinha rural



Outubro descobriu a América, as crianças, os professores, os médicos, os funcionários públicos. Ou melhor redescobriu. Enquanto os soviéticos iam a Marte e os americanos à lua com os seus engenhos, NP redescobria no contacto com o interior um universo delicado cheio de carências (falta de escolas, estradas, endemias, miséria) mas explodindo de fé e perseverança. O tempo conspirava com a seca prolongada — em alguns pontos houve mais de 100 dias sem chuva — o que afetava as safras. Mas apesar de tudo o café, em algumas regiões, provava que quem é rei sempre mantém a coroa e a última florada enfeitou o campo e alguns prevêm, — isso em áreas do noroeste e em lavouras entre Arapongas e Maringá, — uma produção de arriar os galhos. Por falar em corôa, Paulo Pimentel recebia a sua em forma de chapéu de palha gigantesco oferecido pelo prefeito Arnaldo Coneglian, de Barbosa Ferraz, a homenagem ao primeiro governador a visitar o município. Há outras cidades nessa situação, embora hoje elas tenham mais recursos para tocar algumas obras. Já que a luz o governo vem disseminando e de tal maneira que os «beatles» caboclos — eles existem numa proporção impressionante no Estado, tanto na área da Capital como no norte e oeste — já podem levar as suas guitarras eletrônicas de um lado para outro. Arapongas, eufórica, deu um «show», um curso de extensão de como comemorar aniversário e milhares de pessoas participaram do seu inteligente programa de festas. No esporte o público acompanhou com amargura a agonia atlética e quando o Grêmio de Maringá o derrotou na Capital sentia-se que a sorte do rubro-negro estava liquidada. A esperança agora é mudar as regras do jogo, o que de certa forma se justifica, pois o Atlético, mesmo em crise, manteve o 3º lugar em rendas. E futebol hoje só sobrevive se encarado em termos capitalistas e empresariais. A não ser que se apele para os sorteios de automóveis como se faz todos os domingos no norte e oeste no chamado bingo gigante que aliás está dando muitos recursos para obras assistenciais. Que deu tanto público e renda como a apresentação das beisebolistas japonesas do Salompas que fizeram olé em equipes mundiais, e a promoção mostrou no caso de Arapongas quão acertado andou o prefeito Colombino Grassano ao construir o ginásio que sediará em 1968 os Jogos Abertos. Mas outubro foi, sobremaneira, das crianças que espalham ternura e dos funcionários públicos, tanto dos boas vidas, dos conformados, como daquela simpática professorinha Maria José que dá aulas numa escola isolada entre Formosa D'Oeste e Itaguajé: ficou 4 anos sem receber vencimentos e diariamente vai buscar água para o grupo a 1.800 metros de distância. Enquanto isso os artefatos russos acoplavam no espaço, a cápsula Apolo norte-americana era conduzida com êxito na ogiva do gigantesco foguete Saturno. E todos lembravam os seus mortos, alguns em meio a estradas e outros nos cemitérios.

José Custódio está dando aulas com todos os dias para cerca de 30 crianças na escolinha da estrada do Jacaré em Formosa D'Oeste. A casinha é de madeira, precária, não há carteiras, grande parte dos alunos está descalça. São todas as séries — do 1º ao 4º ano — ouvindo a mesma aula, o que faz parte da pedagogia de emergência num Estado onde a velocidade dos acontecimentos e a mobilidade da população não podem ser acompanhadas pelo governo.

Na sala — isso é estatisticamente certo — menos de 10 irão continuar estudando: uns porque o trabalho da colheita ou o deslocamento da família para outras terras obrigarão, outro porque estão com os seus cadernos no fim. Há distribuição de material didático, mas o Paraná é grande e os canais competentes precisam de reformas. Em decorrência disso, é freqüente o curso terminar para quem acabou o caderno.

Vários professores, tanto leigos como habilitados, chamam a atenção da gente para esse drama e para muitos outros como o da falta de quadro negro, o da ausência de condições para ensinar, a carteira, a água, a merenda.

E' comovente ver o esforço que as rês professores e crianças empreendem para superar dificuldades, construindo carteiras, arrumado as escolinhas.

Os anos passam e tudo continua com poucas mudanças. São milhares de anos culturalmente sacrificados. E quando passamos pelas estradas e encontramos grupos de crianças, com seus guarda-pós em direção ou de regresso das escolas, somos desafiados a refletir. E mais do que isso fazer algo rapidamente para que não esqueçamos as professoras e crianças que a poeira levantada nas estradas esconde da nossa vista, mas momentaneamente navegam em nossa consciência.

CORUJA E BORBOLETA, AS CAMPEÃS DO TÊNIS

Aconteceu no Torneio Internacional de Tênis em Curitiba: um raquetista norte-americano interrompe a partida com os olhos fixos ao chão do Tatum. Todo o mundo quer saber de que se trata: o tenista Mandarino, do Brasil, o julz. É uma borboleta que o campeão ianque coloca delicadamente na raquete e leva para lugar seguro fora da pista. Outra: as corujas voltaram a agir e desta feita fizeram ruído semelhante ao de «psius», chamando a atenção para silêncio. O que, aliás, funcionou, pois o público mal habituado à competição conversava demais e volta e meia era advertido com psius dos conhecedores. Até que as corujas entraram na onda.

Felizmente não se tomou desta feita a atitude precipitada de ordenar o fuzilamento sumário das corujas como ocorreu anteriormente, no ano passado, às vésperas do Festival Folclórico e de Etnias, o que provocou um protesto justo do Instituto de Defesa do Patrimônio Nacional. O episódio delicado da borboleta que o esportista americano protegeu e o das corujas tem um certo sabor de fábula e de advertência, logo aqui onde o espírito predatório é uma constante contra a fauna, a flora e valores históricos ou naturalísticos.



A CORÔA DE PALHA

"Ao rei a corôa; ao líder do povo o chapéu de palha" — isso estava escrito no enorme chapéu de palha oferecido pelo prefeito e povo de Barbosa Ferraz ao governador Pimentel. E a prova de que a história do chapéu de palha, largamente usada na campanha eleitoral, pegou mesmo, o que é um motivo permanente para reflexões a um governo que se identifica tanto com esse tipo de homenagem — a do homem do interior que sauda as obras que se vão inaugurando e sabe esperar as que foram prometidas e as que estão projetadas.



Foto do "O Estado do Paraná"

GUERRILHA NÃO VENCE NAS MANOBRAS GAÚCHAS

Em Saicã, Rio Grande do Sul, 20 mil homens se reuniram para encenar o drama que preocupa milhões de brasileiros: a deflagração de um movimento insurrecional, com origens externas, destinado a liquidar com nosso regime democrático.

Eram soldados, oficiais e generais do 3º Exército, responsável pela segurança das principais fronteiras brasileiras — com o Uruguai, com a Argentina e com o Paraguai. Entre eles estavam os homens do 20º Regimento de Infantaria, de Curitiba, que desempenhou importantes missões na luta simulada.

O governador Paulo Pimentel, juntamente com os governadores Ivo Silveira, de Santa Catarina, e Peracchi Barcelos, do Rio Grande do Sul, assistiu ao final das manobras, a convite do presidente Costa e Silva e do ministro do Exército, general Lira Tavares.

Os guerrilheiros — soldados do Regimento de Cavalaria do RGS — terminaram inteiramente cercados e vencidos pelas tropas regulares, que executaram com perfeição um detalhado plano de repressão à guerrilha. E perderam a luta

porque não conseguiram o apoio popular nas regiões que pretendiam levantar contra o Governo.

Esse enredo — se bem que simulado — pode servir de exemplo para aqueles inconformados com a Revolução de 31 de Março, mostrando que a esmagadora maioria dos brasileiros está de acordo com as rigorosas medidas tomadas pelo presidente Costa e Silva para a plena retomada do desenvolvimento e para a implantação de um novo quadro nacional — livre da demagogia, da corrupção e da subversão.



MORRETES, UMA JOVEM QUE FAZ 234 ANOS

De repente, aos 234 anos, Morretes tornou-se uma cidade jovem. Na festa do aniversário, a juventude estava exposta em quase tudo: na jovialidade da gente, no alegre rosado das faces das balisas, nas côres, nos sons.

Alguns dizem que a causa desse milagre é o Imposto sobre Circulação de Mercadorias, que entrou em vigor em janeiro e já trouxe para o Município mais de 5 mil cruzeiros novos mensais, permitindo que o orçamento para 1968 tivesse uma receita estimada em 400 mil cruzeiros novos.

Outros acham que a juventude vem do novo dinamismo da economia regional, que recebeu importantes estímulos do poder público e ganhou muito com o crescente aumento do mercado consumidor. A verdade é que nenhum dos responsáveis pelas indústrias de açúcar, aguardente e papel — as principais de Morretes — pode se queixar que os negócios andam mal.

E — o que é mais importante — a fuga de mão-de-obra para os centros mais desenvolvidos quase desapareceu e vai deixar de existir quando os novos projetos de ampliação e criação de estabelecimentos industriais forem concluídos.

E' por isso que o prefeito Signey Antunes de Oliveira, que entregará, em 1969, uma cidade bem modificada para melhor, em relação ao que era antes, costuma afirmar que Morretes deixou de ser ponto de passagem entre o planalto e o litoral, para se tornar um centro de convergência do fluxo desenvolvimentista.

MINI-SAIA ULTRAJE OU ULTRA-TRAJE?

Os altofalantes advertiam a população de Japurá: «senhoras e senhoritas não podem usar mini-saias». O delegado Otávio Pio, preocupado com a segurança municipal, baixou a portaria 10 que foi lida durante três dias no microfone e dada, o que fazia, segundo seus próprios termos, dentro do Código Penal. O caso de trazes ilegal — conforme estava expresso no ato — tinha sua proibição bem divulgada para que ninguém alegasse «ignorância». Mas a guerra à mini-saia teve seus desdobramentos em Londrina e em Curitiba. Na Capital duas bailarinas de boite chegaram a ser presas por um sargento e dois soldados da Polícia Militar porque transitavam pelo Mercado Municipal à vontade. Em Londrina, com o caso tomando dimensões de mito, conta-se a estória da garota que foi à feira e acabou sendo atacada por um tarado por mini-saia. Depois dessas ocorrências reais e imaginárias é provável que o deputado Seme Scaff — que atacou a graciosa vestimenta da tribuna parlamentar — olhe a todos com mais segurança e diga: «eu não tinha razão?».

Até agora nenhum homem no Paraná resolveu enfrentar o pudor granítico de nossa gente apelando para o mini-salote, igualmente proibido por alguns delegados de polícia de outros Estados. Já o mesmo não acontece com a pintura de rosto psicodélica: algumas jovens pintaram suas florzinhas e corações. Até um praça do Exército pensou que sua namorada — uma empregadinha das Mercês, na Capital — tivesse aderido à bossa das meninas ricas, quando viu o seu rosto manchado à carvão. Era apenas um acidentezinho de trabalho em casa de fogão à lenha.

FINADOS, PRIMAVERA DOS MORTOS

Finados, 14 horas, num ponto da estrada Borrazópolis-Jandaia: algumas pessoas depositam flôres numa cruz. Nos braços principais da cruz aparecem outras 8 menores. E' uma referência — um sinal de saudade e uma seta de trânsito — da tragédia: o ônibus lotado que rolou ribanceira abaixo uma advertência sobre os sacrifícios do viver cotidiano no interior. Há outras cruzes na estrada que são sepulturas guardando o corpo do piconeiro que tombou. Elas estão plantadas em todas as rodovias, principais ou simples carreadores, e durante as peregrinações de Finados receberam cordões, flores e velas e o sinal da cruz de todos os transeuntes. E' que nesse dia, principalmente nas sepulturas e marcos das estradas, os mortos têm a sua primavera



SERRA DO MAR PARA-RAIOS DE TRAGÉDIAS

Quatro culpados foram apontados para o desastre havido com o Dart Herald, da Sadia, no qual morreram 21 pessoas: os fortes ventos, o bloqueio falso, defeito no altímetro e posição errada do avião. A tragédia levou a Aeronáutica a empreender, com seu avião laboratório e com diligências complementares do inquérito, um levantamento completo desse pára-raios de desastres que é o maciço montanhoso com sua meteorologia fantasma. O caso do Dart foi o oitavo, segundo uma pesquisa jornalística de «O Estado do Paraná». Em 1936 foi o primeiro com um Waco F-5, do 5º Regimento de Aviação, comandado pelo capitão Floriano e tendo como observador o capitão Lemos Cunha. Só 15 dias depois do desaparecimento foi encontrado por roceiros da região de Castellanos. Causa: mau tempo. Em 1950 — a 10 de novembro — um Pipel PA, pilotado por Ives Maingué e tendo como passageiros Paul Branning e os pilotos Luiz Carlos Zanon e Wilson Krukowsk, ia a Paranaguá, mas caiu na Serra do Prata nas cabeceiras do Rio dos Henriques. Salvaram-se todos que viveram uma epopéia nas selvas exatamente no dia da festa de Nossa Senhora do Rocio. Em 1952 um T-6 NA da FAB vinha do Rio, comandado pelo tenente Mário Oliveira, trazendo um cadete. De Paranaguá para Curitiba sofreu pane e caiu para sempre sobre o Veu da Noiva. Em 1956 o major Moutinho Neiva e o Sargento Lantmann, vindos de São Paulo, com tempo ruim, num T-6 NA da FAB, sofreram pane na Serra e na altura de Tunas saltaram de pára-quedas. Em 1961 (21 de setembro) houve o acidente com o Cessna PT-BEZ, do industrial de Paranaíba, Orlando Massi. Morreram todos: o proprietário, o piloto Argen Zitelli e outro passageiro Ivan Carlos Cluz. Massi morreu à míngua, transtornado, mas sem ferimentos. As buscas se processaram por mais de 15 dias na maior operação de busca e salvamento empreendida pela Aeronáutica. O acidente foi próximo ao da tragédia do Dart Herald. Em 1963 um dos aparelhos T-6 da Esquadilha da Fumaça, tripulado pelo tenente Rosa, obteve ordem de afastar-se para tentar pouso de emergência. Não houve possibilidade e teve que saltar em pára-quedas próximo de Guaratuba. Neste ano um NA da Escola de Aeronáutica de Piraçununga sofreu pane 27 minutos depois da decolagem. O piloto tentou aterrisar na BR-116 já que não podia retornar ao Bacacheri, mas o tráfego intenso o impedia. Nas proximidades de Areia Branca dos Assis desceu sobre um morro, roçado, o aparelho já em chamas que explodiu logo depois que seus ocupantes se afastaram.



CASA NOVA, TEMPOS NOVOS EM ARARUNA

A cidade de Araruna, em péso, orgulhosa, mostra a nova sede de sua Prefeitura Municipal como um sinal de tempos novos. É que ela graças ao pagamento automático do ICM, do qual nenhum prefeito pretende abrir mão com o apoio de suas comunas, desencadeou um corajoso programa de obras nos setores de estradas, escolas, sanitário. O prefeito de Araruna, sr. Evangelista Dal Santo, achou que era preciso começar a arrumação em casa e a nova sede veio naturalmente como mais um fruto dessa era de empreendimentos municipais que empolga todo o Estado. Aliás vários municípios como Telêmaco Borba, Maringá (centro cívico em ambos), Mandaguari estão tratando de contar com sedes condígnas. Curitiba também está na fila com a obra em andamento no Centro Cívico.



Yara de Oliveira, "Miss Objetiva do Paraná 1967", que representou o nosso Estado no 11º Concurso Miss Objetiva Internacional e Miss Objetiva do Brasil, realizado em S. Paulo e organizado pela Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado de São Paulo.

MISS OBJETIVA 1967

promoção vitoriosa dos repórteres fotográficos

O Paraná brilhou nos dois concursos realizados no fim do mês passado nos Salões do Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo, para a escolha de Miss Objetiva 1967, certame tradicionalmente realizado pela Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos daquele Estado. Uma gaucha de dezessete anos e olhos verdes, Rosemary Fornari, foi escolhida Miss Objetiva Internacional de 1967 enquanto a representante de Minas Gerais, Marly Rocha, conquistou o título de Miss Objetiva do Brasil. A representante paranaense, Yara de Oliveira, candidata da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná, teve destacada presença em todas as fases dos dois concursos, fazendo-se notar pelo seu desembaraço e cultura. Nas atividades sociais, principalmente, assumiu a liderança do grupo de jovens concorrentes, como legítima representante da mulher paranaense. Vale des-

tacar o depoimento de Rosemary Fornari em declaração do próprio punho onde diz: "Peço ao Osvaldo Jansen que transmita ao povo do Paraná a minha alegria por ter conhecido Yara de Oliveira durante os dias do magnífico concurso "Miss Objetiva 1967". Todos podem ter a certeza de que Yara representou bem o Estado do Paraná, pois sua simpatia e os gestos demonstrativos de amizade sensibilizaram os corações de todas as pessoas que a conheceram. Yara mereceu toda a nossa admiração."

PARANÁ É CALOURO

O nosso Estado participou pela primeira vez nos concursos Miss Objetiva, sendo esta uma vitória da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná. Para o fotógrafo Osvaldo Jansen, um dos líderes da enti-

dade, foi esta uma grande oportunidade onde os paranaenses aprenderam bastante a respeito da organização das entidades congêneres de outros Estados, algumas delas bastante desenvolvidas. Muito do que foi observado no contacto com dirigentes das associações de repórteres fotográficos de outras regiões do Brasil será aplicado no Paraná, onde a entidade de classe está em fase de recuperação.

PRESTÍGIO

Um dos aspectos que mais impressionaram os nossos representantes foi o prestígio que goza a entidade paulista, tanto na sociedade como entre as autoridades daquele Estado. O júri que escolheu as duas misses foi presidido pelo Chefe da Casa Civil do governador Abreu Sodré, deputado Henrique Turnes e integrado pelo Secretário de



As duas fotos em cima mostram o desfile em trajes típicos, uma das atrações do certame, vendo-se em primeiro plano a representante do Paraná, e as duas candidatas vencedoras: Rosemary Fornari, Miss Objetiva Internacional e Marly Rocha, Miss Objetiva do Brasil. Ao lado, aspecto do salão do Esporte Clube Pinheiros, onde se realizaram os desfiles, e flagrante colhido no Golfe Clube São Francisco onde o Prefeito de Osasco ofereceu um almoço às candidatas, representantes dos Clubes de Repórteres Fotográficos que participaram dos dois concursos.



Turismo, Orlando Zancanes, pelos consules do Uruguai, Estados Unidos e Peru, vários jornalistas e personalidades da vida social paulista. O prefeito de Osasco ofereceu um almoço às candidatas e aos delegados das entidades classistas que participaram do certame. A Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos de São Paulo gastou mais de NCr\$ 80 mil na organização do concurso que foi prestigiado com a presença de expressivos nomes da sociedade paulista, em todas as suas fases. Para o paranaense Osvaldo Jansen essa demonstração de força e de prestígio da entidade paulista somente se tornou possível graças ao apoio que recebe de todos os profissionais daquele Estado, já conscientizados da importância da vida associativa. "Vamos trabalhar bastante — afirma Jansen — para conseguirmos elevar a associação do Paraná ao mesmo nível da sua co-irmã de São Paulo."

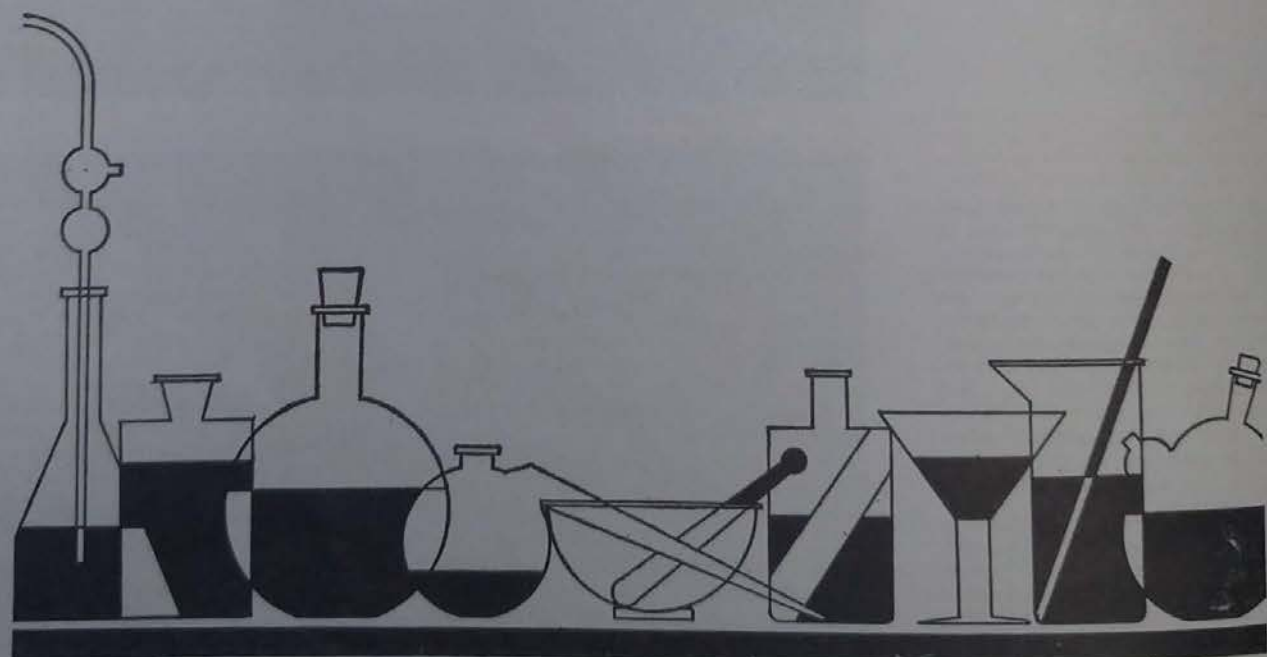


DROGARIA MORIFARMA

**UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ**

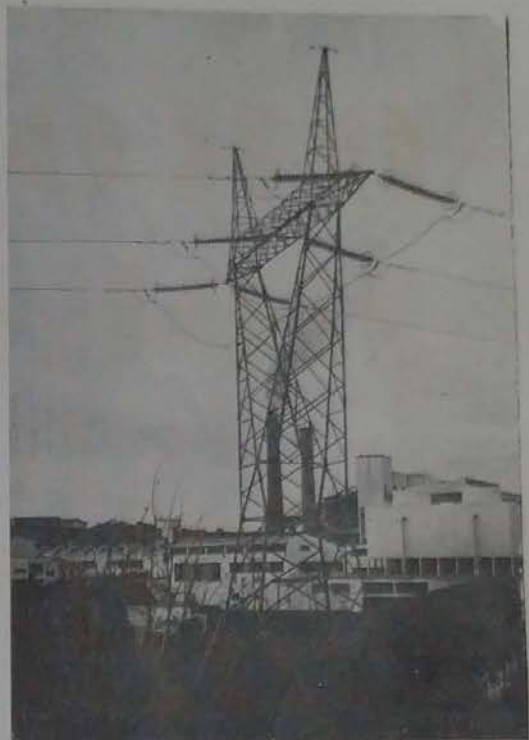
MATRIZ: MARINGÁ

**FILIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEIRO
D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI
E NOVA ESPERANÇA**





A Usina de Figueira colocou em funcionamento a terceira caldeira — que corresponde à chaminé mais clara, na foto em cima — e ampliou seu sistema de distribuição inaugurando duas novas linhas: Figueira—Apucarana e Figueira—Telêmaco Borba.



CONCLUÍDA A INTEGRAÇÃO ENERGÉTICA DO PARANÁ

A partir de 1961 a política de eletrificação do Paraná destacou-se por dois aspectos fundamentais: a interligação das principais regiões do Estado tendo como meta final a integração de todo o sistema energético paranaense e a participação nos grandes programas regionais integrando o sistema estadual, de um lado com o sistema paulista mediante conexão com as usinas hidrelétricas do Paranapanema e de outro lado com o sistema catarinense, através da ligação com a usina termelétrica da SOTELCA.

O Primeiro Programa Estadual de Eletrificação, elaborado pela COPEL em 1962, estabeleceu como elemento chave dessa ambiciosa meta o denominado Sistema Tronco de Transmissão a ser integrado pelas linhas Figueira-Xavantes, Figueira-Apucarana, Figueira-Ponta Grossa-Curitiba-Usina de Capivari-Cachoeira e Curitiba-Joinville (que integra o sistema SATELCA). Dentro dessa formulação entrosaram-se todas as entidades que atuam no setor de energia elétrica em nosso Estado. Assim, coube à COPEL a construção das linhas Figueira-Xavantes e Ponta Grossa-Curitiba-Capivari-Cachoeira, encarregando-se a Cia. Força e Luz do Paraná da linha Curitiba-Joinville. A UTEFLA — Usina Termelétrica de Figueira S/A, construiu a linha Figueira-

Ponta Grossa e acaba de concluir a linha Figueira-Apucarana.

OUTRAS REALIZAÇÕES

Com 251 torres e 116 km, operando com 220 kV de tensão, a linha de transmissão Figueira-Apucarana vai interligar o Sistema Norte da COPEL, que atende toda a região compreendida pelos Norte Novo e Novíssimo, com os sistemas das regiões Centro e Leste — Ponta Grossa, Curitiba e Litoral — e Sul, abrangendo toda a área servida pela Usina de Salto Grande do Iguaçu. Seu custo global foi de NCr\$ 3 milhões, dos quais NCr\$ 2,1 milhões correspondem a investimentos da União — principalmente através do Plano Nacional do Carvão — e os restantes NCr\$ 900 mil ao Governo do Paraná, através da COPEL.

Ao mesmo tempo que concluiu a linha Figueira-Apucarana a UTEFLA colocou em operação a linha de transmissão Figueira Telêmaco Borba, com 61 km e 153 torres e que levará energia ao município proporcionalmente mais industrializado do Paraná. Seu custo foi de cerca de NCr\$ 800 mil. Ao ampliar o seu sistema de linhas de transmissão e para assegurar o fornecimento permanente de energia, corrigindo qualquer irregularidade

no funcionamento das outras caldeiras, a UTEFLA acaba de concluir, também, a montagem de mais uma caldeira. Esta funcionará como unidade reserva devendo ser aproveitada futuramente na produção normal da usina, quando da ampliação de sua capacidade geradora de 20 mil para 30 mil kW, melhoria já em estudos.

IDENTIDADE DE PRINCÍPIOS

Diz o General Luiz Ferraz Sampaio, diretor-presidente da UTEFLA, que a política da empresa está orientada para a dupla finalidade de integrar-se na orientação do II Programa Estadual de Eletrificação, em execução pela COPEL e promover o aproveitamento das reservas carboníferas do Paraná. No primeiro caso identifica o seu trabalho com o esforço que vem sendo desenvolvido pelo Governo paranaense, desde 1961, para ampliar e racionalizar os sistemas de produção, transmissão e distribuição de energia no Estado, trabalhando a empresa federal em perfeito entendimento e identidade de princípios com a COPEL evitando, assim, realizações em paralelo. O segundo objetivo abre perspectivas para o aumento de consumo do carvão paranaense o que representará grandes benefícios para a economia do Estado.



MARILUZ

a revolução do progresso

O menino Honório tem 7 anos e mora em Mariluz. Agora, parou temporariamente de brincar com seu cachorro mestiço para se dedicar a uma fascinante novidade que surgiu em casa: uma geladeira elétrica. O pai afinal resolveu se desfazer da velha geladeira a querosene, depois que se certificou de que a luz elétrica tinha vindo para ficar. E o menino Honório vai aos poucos descobrindo outras gravíssimas modificações na cidade que conhece tão bem: o novo «play-ground», e a nova escola municipal, por exemplo, foram acontecimentos importantes em sua vida. Só uma dúvida tem o menino Honório: ainda não decidiu se quando for grande será motorista da moto-niveladora novinha que a Prefeitura acaba de comprar ou se será «dono» da fábrica de óleos vegetais que se instalou no ano passado no município.

**O AUMENTO DA
RECEITA ANUNCIOU A
CHEGADA DAS GRANDES
REALIZAÇÕES, QUE
POSSIBILITARÃO A
EMANCIPAÇÃO
ECONÔMICA
DO MUNICÍPIO
E O LANÇARÃO
ARROJADAMENTE
NO TERRENO
DA INDUSTRIALIZAÇÃO**



As estradas são o permanente "front" de trabalho da Prefeitura de Mariluz. Sem elas, seria impossível assegurar o escoamento de milhares de toneladas diárias de algodão, amendoim, feijão, milho, arroz, soja, café e menta. As máquinas trabalham incessantemente para garantir sempre boas condições de tráfego. O moderno equipamento que aparece na foto foi adquirido graças às novas disponibilidades financeiras que vieram com o ICM.

Prefeito Ramiro Rojo Souto

No edifício provisório de madeira, um homem de 32 anos, rosto sério e preocupado, confere uma porção de número e acaba se detendo em um deles: NCr\$ 687.000,00. É quanto Mariluz vai arrecadar o ano que vem, e o prefeito Ramiro Rojo Souto, dentista, casado, com duas filhas, está preocupado com os investimentos que o município deve fazer nos próximos 12 meses.

Porque, com o aumento da arrecadação municipal, decorrente da implantação da Reforma Tributária, os municípios passaram a poder realizar muita coisa com que nunca sonhavam. "Passou o tempo de só fazer coisas pequenas" — costuma dizer o sr. Ramiro. "Agora podemos nos dedicar realmente às obras de infraestrutura".

Na realidade, as coisas não são assim tão fáceis. Os municípios,

em primeiro lugar, não estavam preparados para arrecadar tanto. Depois, faltava-lhes equipe de planejamento para poder enfrentar os verdadeiros grandes problemas da comunidade. Só agora, com a arrecadação organizada, com as previsões de receita estourando, é possível se dedicar à outra metade do problema: o que fazer com tanto dinheiro.

"Bem — explica o prefeito Ramiro Rojo — para começar não é tanto dinheiro assim, considerando o que há para fazer. Temos problemas fundamentais e inadiáveis, como saneamento, hospital, posto de saúde, posto de puericultura, posto rural, que não poderemos resolver sem o auxílio do Estado ou órgãos federais. De outro lado, as responsabilidades com ensi-

SEGUE





A grande preocupação da administração pública Mariluz — prefeito e vereadores — tem sido garantir boas condições de ensino para os quase 10 mil meninos e meninas em idade escolar. Na sede do município, foi construído um grande grupo escolar, enquanto que na zona rural já ficaram prontas 25 escolas iguais à que aparece na foto abaixo.



A fábrica de blockets, em fase final de instalação, assegurará a pavimentação mais econômica e bonita para a cidade de Mariluz.



no primário aumentam tanto e tão rapidamente, em consequência da explosão populacional, que é difícil acompanhar o ritmo das necessidades que se vão renovando e multiplicando”.

Apesar de fundado há apenas 3 anos, Mariluz já possui uma população estimada em 40 mil habitantes, sendo aproximadamente 10 mil em idade escolar. Para abrigar todas essas crianças, o prefeito construiu, em tempo recorde, 25 grupos e casas escolares e aumentou o número de professoras pagas pela prefeitura. E no entanto ainda há falta de bancos escolares, embora o curso seja desdobrado em dois turnos. É daí, da mocidade estudantil, que parte a maior pressão, em municípios como Mariluz, em pleno desenvolvimento urbano e rural, com a população praticamente duplicando a cada cinco anos.

É preciso voltar aos números: a arrecadação geral do ano passado (1966) foi de 76,5 milhões de cruzeiros. Somente a arrecadação municipal referente ao Imposto Sobre Circulação de Mercadorias chegava em outubro último a 146 milhões de cruzeiros velhos. E ali está, de novo, a previsão de despesa para 1968: 687 milhões de cruzeiros velhos. Logicamente, há condições para enfrentar a curto prazo o problema escolar. Mas há que, primeiro, reapelehar a estrutura dos serviços municipais, atualmente são apenas 8 os funcionários da prefeitura e pouco mais de 30 os diaristas.

De outro lado, o município assumiu, com o advento do novo sistema tributário e as dificuldades de o Estado aumentar seus investimentos, uma responsabilidade ainda maior na conservação da rede de estradas. Só municipais, há 500 quilômetros delas. E há também as estradas estaduais, que de vez em quando necessitam de um retoque. Para isso o prefeito adquiriu uma motoniveladora, além de outros equipamentos mecânicos, caminhão, viaturas. Só a motoniveladora custou 107 milhões de cruzeiros velhos. Mas o serviço que vem fazendo compensa bem o dinheiro gasto nela.

Mariluz é uma confluência de muitos caminhos. Liga-se a Alto Piquiri (50 km, que futuramente serão reduzidos para 28), Cruzeiro do Oeste (32 km), Umuarama (40 km), Goio-Erê (36 km), Moreira Salles (18 km) e Campo Mourão (96 km). E todas essas saídas precisam estar sempre em



A lavoura de algodão, que produzirá 1.250.000 arrôbas desta safra, é a principal do município.

boas condições de tráfego para que não seja ameaçado o escoamento da safra municipal, que, este ano, deverá ser muito boa:

Algodão — 1.250.000 arrôbas;
 Amendoim — 250.000 sacas;
 Feijão — 150.000 sacas;
 Milho — 300.000 sacas;
 Arroz — 100.000 sacas;
 Soja — 70.000 sacas;
 Café — 50.000 sacas;
 Menta — 30.000 quilos.

Pensar em todo esse volume de produção é pensar em transporte novamente. E o prefeito Ramiro Rojo lembra, com satisfação, que sua administração conseguiu construir 21 pontes e recuperar outras 8, além de preparar a pavimentação da Avenida Marília, de 3.000 metros de comprimento. O acabamento será feito com o material produzido na fábrica de lajotas instalada pela própria Prefeitura Municipal.

“De qualquer forma — costuma afirmar — não temos possibilidade de acompanhar o crescimento da cidade sem ajuda dos Governos estadual e federal”.

Essa ajuda poderia vir logo, em forma de repartições ligadas ao problema do bem-estar público. A Prefeitura de Mariluz gastou sozinho 6 milhões de cruzeiros em assistência social este ano. E aten-

SEGUE

Vinte e uma pontes foram construídas pela atual administração. Esta é a da estrada que liga Mariluz a Umuarama.



A ligação entre a sede e o distrito de São Luiz é feita por uma estrada bem conservada, de 19 km. de extensão.





O Hospital Mariluz é um estabelecimento moderno e bem equipado, em condições de atender toda a população regional. Dirigido pelos médicos Luiz Lucacin e Eduardo Giochi, tem o equipamento mais atualizado e conta com uma enfermeira formada para dirigir seu quadro de assistentes. A Prefeitura de Mariluz já está pensando no futuro, quando apenas um hospital será pouco para atender à demanda de leitos. Nesse sentido, vai aplicar 70 milhões na construção de um Hospital Municipal, capaz de suprir as crescentes necessidades médico-hospitalares.



A Prefeitura Municipal de Mariluz está instalada nesta sede provisória, mas que permite seu bom funcionamento. A equipe do prefeito Ramiro Rojo é acima de tudo jovem e capaz. Apesar de relativamente pequena, executa o trabalho difícil de atender a todos os setores da administração municipal, sempre eficientemente. É chefiada pelo sr. Sebastião de Oliveira, secretário e tesoureiro da Prefeitura, que aparece na foto embaixo em companhia dos funcionários Jamil Leite da Silva (lançador), Maria R. Calado e Neusa Tavares de Lima (auxiliares).



dendo apenas os casos de extrema necessidade, gente que necessitava de uma passagem de ônibus para voltar ao local de origem, alimentação, medicamentos. E não é possível aumentar essa verba em muito, porque os investimentos municipais — a construção da nova sede da Prefeitura, o parque infantil, o cemitério e outros — estão a exigir constantemente novos esforços.

De qualquer maneira, o prefeito Ramiro Rojo — que não pensa, ao menos por enquanto, em prosseguir sua carreira política, mas está entusiasmado com a possibilidade de iniciar já uma nova carreira como pequeno industrial — não se cansa de repetir sua satisfação em ver que o município recém-instalado já é um dos que mais arrecada em toda a região, superando outros bem mais antigos. E — o que é mais importante — em ver que jovens como o menino Honório não precisarão mais sair da cidade para estudar, para trabalhar, para se realizarem como homens e como cidadãos.

Nenhum dos nove vereadores de Mariluz é nascido no Paraná. Mas todos se orgulham em ser mais paranaenses do que milhares de outros, com certidão de nascimento e tudo. Foram eles que votaram as leis possibilitando o surto de progresso que o município conheceu nos últimos três anos. E são eles que terão uma participação decisiva na obra que está por se concluir.

Desde o presidente da Câmara, Benedito Firmino de Paiva, até o secretário Amantino Cerci ou o vice-presidente Mário Moraes, o pensamento é um só: trabalhar por Mariluz. E dêsse ponto-de-vista compartilham os outros membros do legislativo, vereadores Adario Aguiar Cordeiro, João Aparecido Nascimento, Salvador Tortola, Paulo Libânio de Carvalho, Ciro Marques Moreira e Aparecido Alexandre de Castro.

Como também compartilham de idêntico ideal os líderes das indústrias locais, a partir da fábrica de óleos vegetais, passando pelas máquinas de café, arroz, as serrarias, as olarias e a máquina de algodão. Ou os homens da agência do Banco Comercial do Paraná da cidade. Ou os proprietários dos 138 estabelecimentos comerciais existentes.

INDÚSTRIA

CHEGOU CÊDO

GRAÇAS À OBRA

DOS

PIONEIROS

Mas é principalmente na indústria de óleos vegetais que este entusiasmo é maior. A Agro-Industrial Mariluz Ltda. foi instalada no ano passado, com capital de 1,6 bilhão de cruzeiros velhos, e consome metade da produção regional de amendoim e soja. São 90 toneladas de amendoim e 50 toneladas de soja elaboradas cada 24 horas pelas unidades de extração com sorvente e por prensagem.

O óleo bruto é remetido para São Paulo, onde é refinado e vendido comercialmente, com grande aceitação pelo mercado consumidor. Idealizada por José Alfredo ("Zezé") de Almeida, o fundador de Mariluz, a fábrica é atualmente dirigida por seus dois filhos, José Farrando de Moraes Almeida e Gustavo Prudente de Moraes Almeida, juntamente com Azarias Diniz.

"Foi o resultado de um sonho que se tornou realidade", costumam afirmar seus organizadores para definir a obra, que coloca Mariluz na vanguarda da industrialização em toda uma vasta região. Empregando atualmente meia centena de operários, a fábrica fornece não apenas um oportuno mercado de mão-de-obra, como principalmente um excelente mercado consumidor da matéria-prima produzida na região. E o pioneirismo deve ser levado ainda mais em consideração quando se sabe que o projeto foi iniciado sem qualquer garantia da vinda de energia elétrica, com geradores de força próprios.



A fábrica da Agro-Industrial Mariluz Limitada iniciou a revolução industrial em Mariluz. Além de aumentar o mercado de mão-de-obra local, consome praticamente metade da produção de amendoim e soja. Equipada com o que há de mais moderno nesse setor industrial, está em condições de abastecer um vasto mercado consumidor, gerando riquezas e estimulando o progresso. A cada 24 horas, 90 toneladas de amendoim e 50 toneladas de soja são elaboradas, significando mais riqueza, mais progresso e mais conforto.





Futebol de Mariluz é o melhor da região

O Mariluz Atlético Clube foi fundado em 1960 e em 1968 disputará o campeonato amador regional. Os últimos resultados mostram que está em boas condições para fazer bonito. Contra o Umuarama, empatou de 1 a 1 fora de casa e deu uma goleada de 6 a 0 em Mariluz. Onde também ganhou do Café, de Cianorte, por 5 a 2. Outro resultado bom foi a vitória em Moreira Salles, por 3 a 2. Em boa parte, essa campanha é devida ao esforço da diretoria, presidida há 4 anos pelo sr. Azarias Diniz, tendo como

vice-presidente Orlando Pizani, 2º vice-presidente Aurino Fermiano Vieira, 1º secretário Paulo Libânio de Carvalho, 2º secretário Victor Pata, 1º tesoureiro Mário Maggi, 2º tesoureiro Sebastião de Oliveira. O diretor da sede é Salvador Vicente Chaves. Diretor esportivo, Oswaldo Maggi. Diretor social, Laudelino Rosa Melo. A saúde dos craques de Mariluz é bem cuidada pelo doutor Luiz Lucacin. A foto mostra o atual plantel do Mariluz Atlético Clube, titulares e reservas. Dosando experiência e energia da juven-

tude, eles têm conseguido, na opinião dos entendidos, resultados excepcionalmente bons. E a tendência do time é melhorar cada vez mais, com o maior número de jogos e — principalmente — o maior entrosamento entre todos. Outro fator importante é a presença constante do presidente Azarias Diniz em todos os momentos da vida do clube. Preocupado com a saúde, forma física e até com os problemas particulares dos jogadores, ele colabora para manter elevada a moral da equipe, funcionando como 12º jogador, ao lado do campo.

O estádio do MAC vem recebendo vários melhoramentos, com vistas ao ingresso do time no campeonato amador regional. A Prefeitura colaborou na construção das arquibancadas.

O cuidado com a juventude do município de Mariluz reflete-se por toda a parte. O "play-ground" visto na foto é uma das muitas obras destinadas à infância.





Este é o salto do Rio Goio-Erê, de grande beleza, que é o ponto de partida para o plano de incentivo ao turismo do prefeito Ramiro Rojo.

SÃO LUIZ

Grande produtor de algodão e também atração turística

Em apenas três anos, o distrito de São Luiz tornou-se o principal produtor de algodão de Mariluz. Aqui vivem 1.500 pessoas na sede e cerca de 10 mil na zona rural, compreendida por cinco fazendas, pertencentes aos srs. José Teixeira, Fazenda Okamoto, João Minoru Izumi, José Ferreira Menezes e Francisco Vila. Essas cinco

fazendas, mais a do dr. Antonio Corrêa Camargo Ferraz, representam cerca de 20% da área municipal. Graças à dedicação e à visão de seus proprietários, elas se tornaram responsáveis pela produção de 80% do algodão que sai de Mariluz. E, em futuro próximo, significarão ainda muito mais, tendo em vista as técnicas modernas de cul-

tivo adotadas. O distrito de São Luiz dista 19 km da sede do município de Mariluz e conta com uma bela atração para o turismo: o salto do Rio Goio-Erê, distante 10 km, onde todos os fins de semana chegam visitantes dos mais variados pontos do Norte do Paraná.

O grupo escolar no distrito de São Luiz, com três salas de aula, é mais uma prova de preocupação da administração municipal com o ensino.

Com aproximadamente mil e quinhentos habitantes na sede e 10 mil na zona rural, o distrito de São Luiz produz cerca de 80% do algodão do município, além de amendoim, milho, soja, feijão, etc.





"Louvor em boca própria é vitupério", costuma dizer o médico Dalton Paranaíba, Secretário de Saúde Pública desde o primeiro dia da administração Paulo Pimentel, e hoje um homem orgulhoso de ter conseguido provar, pelo seu próprio esforço, aquilo que muitos não conseguiram. Que, com trabalho, mesmo sem muitos recursos (ele tem menos de 4% do orçamento estadual para aplicar) é possível resolver, ou ao menos encaminhar corretamente a solução, dos problemas de saúde pública.

"Não são problemas de dinheiro: são mais de vergonha na cara. Nós não tínhamos recursos quando chegamos aqui. E o Paraná, em matéria de profilaxia de doenças de massa, era o sexto Estado da Federação brasileira. Hoje é o primeiro. Nós não fizemos nenhum milagre: apenas trabalhamos."

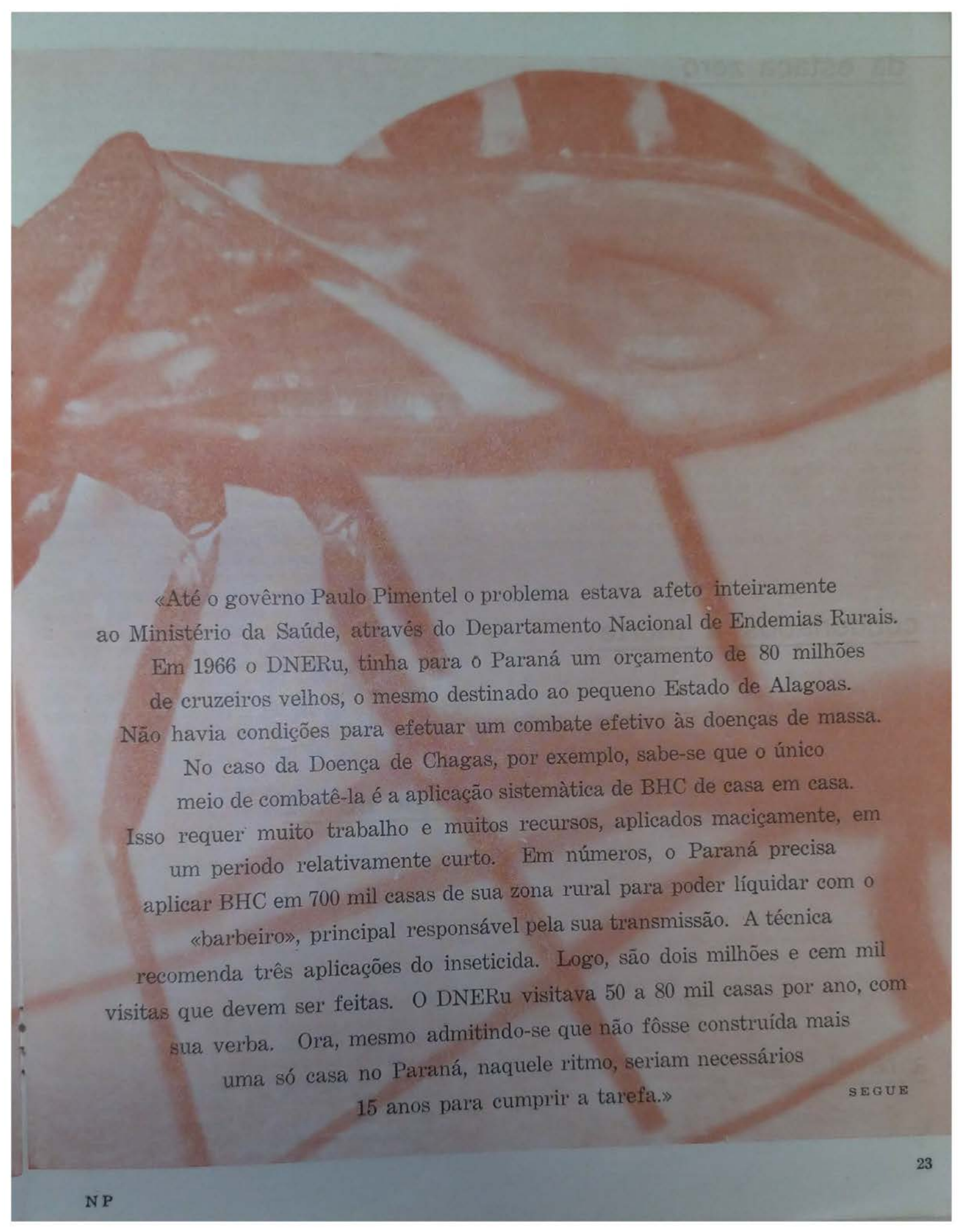
Efetivamente, em menos de dois anos, mais de um milhão de crianças foram vacinadas contra a difteria e o tétano. "Com isso — diz Dalton — estamos protegendo não só as crianças contra o tétano, mas as futuras mães contra o tétano umbilical. Estamos plantando o carvalho, não a couve".

Nesse mesmo período, foi possível ao Secretário sugerir que se pense em outra destinação futura para a Associação Paranaense de Recuperação — pois dentro de pouco tempo não haverá mais paralisia infantil no Paraná. Na idade escolar, mais ou menos um milhão de crianças já foram vacinadas contra a paralisia.

O trabalho discreto e silencioso do Secretário de Saúde só agora começa a aparecer. Em todos os setores da Saúde o quadro é de renovação de métodos, de dinamização dos serviços, de maior eficiência. É mais um aspecto positivo do novo Paraná de Paulo Pimentel, que faz o doutor Dalton responder sempre que lhe perguntam: "A Saúde vai bem, obrigado".



estamos bem de saúde ?



«Até o governo Paulo Pimentel o problema estava afeto inteiramente ao Ministério da Saúde, através do Departamento Nacional de Endemias Rurais.

Em 1966 o DNERu, tinha para o Paraná um orçamento de 80 milhões de cruzeiros velhos, o mesmo destinado ao pequeno Estado de Alagoas. Não havia condições para efetuar um combate efetivo às doenças de massa.

No caso da Doença de Chagas, por exemplo, sabe-se que o único meio de combatê-la é a aplicação sistemática de BHC de casa em casa. Isso requer muito trabalho e muitos recursos, aplicados maciçamente, em um período relativamente curto. Em números, o Paraná precisa aplicar BHC em 700 mil casas de sua zona rural para poder liquidar com o «barbeiro», principal responsável pela sua transmissão. A técnica recomenda três aplicações do inseticida. Logo, são dois milhões e cem mil visitas que devem ser feitas. O DNERu visitava 50 a 80 mil casas por ano, com sua verba. Ora, mesmo admitindo-se que não fôsse construída mais uma só casa no Paraná, naquele ritmo, seriam necessários 15 anos para cumprir a tarefa.»

SEGUE

da estaca zero

«É claro que nem havia recursos, nem havia um trabalho objetivo em execução, no momento em que o governador Paulo Pimentel assumiu o Governo. Saímos, portanto, do ponto zero, em matéria de erradicação das doenças endêmicas. Ou de alguma coisa abaixo de zero, pois deve-se lembrar o grande número de crianças e adultos que deviam ser atendidos por estarem atacados pela Doença de Chagas, acarretando novos investimentos.

Além disso, estávamos em total e completa ignorância sobre dados fundamentais para o combate ao mal. Quais as áreas de maior incidência, por exemplo. Não havia levantamento, não havia pesquisa, não havia estatística. Nós fizemos essa pesquisa, examinando 21 mil escolares, de 10 a 14 anos, em 50 municípios do Estado. Com estes dados, tiramos as conclusões. E vimos que se passarmos uma régua no meio do Paraná, veremos que da zona de Ponta Grossa para cima, o índice de portadores da Doença de Chagas é variável de zero até 22%. E essa percentagem cresce na medida em que vamos do Oeste para Leste. Na zona do Norte Velho, temos a incidência máxima. No município de Guapirama, por exemplo, há 22% de crianças atacadas pela Doença de Chagas, segundo comprovou o inquérito sorológico feito pela Secretaria de Saúde. Em Londrina, a taxa é de 13%. E, embora, a percentagem diminua em direção ao Norte Novíssimo, ainda assim apresenta-se elevada.»

condenados à morte

«E esses dados tornam-se ainda mais graves se raciocinarmos e colocarmos a questão de outra forma. Em cada grupo de 100 crianças daqueles municípios mais infestados, há 22 que estão praticamente condenados à morte, que terão sua vida necessariamente abreviada, cujo óbito tem data marcada. Daí porque o Governo não pode ter problema mais angustiante para resolver, pois a riqueza maior de um Estado e de uma Nação é a criança. E estas crianças estão condenadas. Seu caso é muito mais grave do que se tivessem câncer, pois o câncer, em suas formas iniciais, pode ser curado. E eu costumo dizer que a Doença de Chagas é como um samba da Nora Ney: «Não tem solução».

Prova disso é que 60% dos doentes internados no Hospital de Clínicas, em Curitiba, são portadores da Doença de Chagas. Que pode matá-los de diversas maneiras. Ou provocando uma lesão no coração, ou causando uma lesão no esôfago, ou lesão na víscera intestinal.»

a revolução

«Felizmente, posso anunciar que aquele trabalho de erradicação, previsto para 15 anos, com as verbas do

DNERu, ficará pronto até o fim do governo Paulo Pimentel. Nós saímos de 50 mil casas em 65, para 205 mil em 66, para 405 mil casas em 67. Isso foi possível graças ao consorciamento de recursos e de forças da União, Município e Estado. O Gerca, que tem recursos específicos para proteger o homem da zona da cafeicultura, tinha verbas imobilizadas, embora destinada a esse problema. Não fomos lá e conseguimos no ano passado 120 milhões de cruzeiros antigos. Esse dinheiro foi jogado na estrutura do DNERu e na estrutura da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural. E temos 500 homens lutando contra a Doença de Chagas em todo o Estado. São homens que não trabalham na base do ponto, mas se dedicam de sol a sol ao combate do mal. E seu trabalho não é feito por caridade, mas por homem de saúde pública consciente, que joga BHC quer chova, quer faça sol.»

esquistossomose

«Quanto à esquistossomose, fizemos um levantamento em Londrina, onde havia focos endêmicos. Examinamos 700 pacientes, encontrando 199 com a doença, portanto 28%. Outros 92, tinham Doença de Chagas. E, o que é mais grave, todos os outros exames, sem exceção, revelaram alguma verminose, alguma parasitose. Este, infelizmente, é o quadro encontrado em todo o Paraná. E em todo o Brasil. Pesquisas recentes revelaram a existência de mais de 20 milhões de portadores de ancilostomose no Brasil. E 6 milhões de vítimas da esquistossomose. E 3 milhões de doentes de Chagas. E um milhão de tracomatosis. E meio milhão de tuberculosos. E 100 mil leprosos. E milhares de variolosos, tetânicos, diftéricos.

Este é o quadro do Brasil, país onde grandes obras estão sendo realizadas e o homem, o grande responsável pelas grandes obras, continua esquecido, anônimo.»

o que se fez

«Daí porque o governo Paulo Pimentel dedicou-se com toda a sua capacidade ao combate da esquistossomose. Criamos em Londrina o primeiro Núcleo de Combate à Esquistossomose e fizemos uma série de projetos, incluindo medidas de engenharia sanitária, dragagem, o uso de substâncias moluscocidas, trabalho de deslameamento, de construção de lavanderias coletivas, para evitar que as mulheres continuem apanhando a doença enquanto lutam por algum dinheiro.

Nosso trabalho está orientado para os municípios onde já foi constatada positivamente a presença do caramujo que serve de meio intermediário para a transmissão do mal. São eles Londrina, Jacarezinho, Borrazópolis, Sertãozinho, 1º de Maio, Porecatu, Cornélio Procopio, Jataizinho e Iporã.»

Nosso principal objetivo é a dragagem, que elimina as águas paradas, favoráveis à proliferação do caramujo. E verificamos um fato interessante: os terrenos já dragados

na região de Londrina, tornaram-se ótimos para a plantação de arroz, ganhando muito em valor. Assim, além do desaparecimento da doença, criamos com a dragagem mais um reforço para a economia das regiões antes vitimadas pela esquistossomose.»

o bem público

«Em resumo, o problema das doenças endêmicas é um problema intimamente ligado ao bem público. Fundamentalmente, é um problema de saneamento básico. É fácil constatar isso verificando o que acontece quando uma população de qualquer cidade passa a consumir água tratada, em vez de água de poço. A mortalidade infantil imediatamente começa a decair. Por isso, temos insistido com as Prefeituras, que coloquem a rede e a estação de tratamento de água como obra prioritária e fundamental. Todos sabem que mais de 80% dos leitos hospitalares de todo o mundo são ocupados por doentes que ingeriram água poluída. Água, portanto, é meta deste Governo e meta da Secretaria de Saúde. O dia em que tivermos em todos os nossos Municípios água tratada, há de cair verticalmente o número de doentes, o mesmo acontecendo com a mortalidade infantil.»

a brucelose

«Há tempos atrás, foi denunciada a elevada incidência de brucelose no rebanho leiteiro que abastece Curitiba. O secretário Dalton Paranaquá afirma que a situação, hoje, continua praticamente a mesma, não só em Curitiba, como no Paraná e em todo o Brasil.

Tanto isto é verdade, que a exportação de nossa carne é difícil. Os compradores estrangeiros preferem a carne da Argentina ou do Uruguai, porque sabem que nosso rebanho é portador de brucelose, de tuberculose. E, o que é mais sério, não estão sendo tomadas as medidas adequadas para o combate a esses males.

A Saúde Pública deve ter ingerência total no controle do problema, principalmente no que se refere à obrigatoriedade do leite pasteurizado. A lei atual obriga o consumo de leite pasteurizado apenas nas cidades que dispõem de usinas de pasteurização. Nas outras, por mais próximas que estejam, pode ser consumido leite cru. Isso é um absurdo, principalmente quando se considera que cidades há, no Norte do Paraná, distantes 10, 12, 15 quilômetros uma da outra. Poderia a Saúde Pública obrigar a construção de uma usina de pasteurização no ponto mais central, servindo toda a região. Mas, enquanto a lei não der à Secretaria de Saúde o necessário respaldo, tudo continuará como está.

Em Curitiba, o problema do leite, apesar da lei, ainda é sério, porque entra muito leite cru na periferia da cidade. E não é fácil o seu controle. É um problema misturado com polícia, com interesses escusos, que tem exigido o máximo de energia da Secretaria de Saúde.»

um velho assunto

«Aliás, as dificuldades eram bem maiores ainda há algum tempo atrás, quando não tinha sido feito o expurgo na Polícia Sanitária. Todos os problemas ligados à Saúde Pública, fiscalização do leite, de bares e restaurantes, etc., estavam sob a responsabilidade de irresponsáveis, que só agiam pensando em ganhar propinas, em se deixar subornar. O inquérito feito mostrou fartamente a responsabilidade daqueles funcionários. E por um ato do Governador, foram mandados embora todos os corruptos. Agora, a Secretaria está recrutando estudantes, que possam manter diálogo com os comerciantes, dentro de um padrão elevado. Surgirá, dentro em pouco, uma nova Polícia Sanitária, com um novo conceito, partindo para um trabalho sério, em bases sérias. Mas já neste verão, o curitibano sentirá a presença da nova Polícia Sanitária e de sua fiscalização, não impositiva, mas pela persuasão, pelo entendimento.»

código sanitário

«A aprovação do novo Código Sanitário, que está na Assembléia, permitirá fazer funcionar ainda melhor esse mecanismo. O anteprojeto está há oito meses na Assembléia Legislativa, aguardando a aprovação dos deputados estaduais. Virá reformular os dispositivos já ultrapassados do atual, elaborado em 1938. Infelizmente, parece que o Código está dormindo em berço esplêndido em alguma gaveta. Apesar de todos os esforços, nada foi feito, com evidente prejuízo para a saúde da população.»

problemas de verão

«A aproximação do verão faz os médicos da Secretaria de Saúde voltarem a se preocupar com uma série de doenças comuns a estação. A principal delas é a desidratação, que o Secretário de Saúde afirma não ser uma doença, mas a consequência de uma série de doenças, males e deficiências.

«E na origem de todas estão, novamente, a água poluída e o leite mal fervido. Nada melhor para mostrar isso do que o exemplo de Londrina, onde há quatro anos atrás não havia usina de pasteurização — e a quantidade de crianças que aflua ao Centro de Saúde para tratar de infecções intestinais era impressionante. No dia em que se instalou a Usina e a população infantil começou a consumir leite pasteurizado, o índice de crianças e adultos vítimas de infecções caiu verticalmente, o que mostra ser a água poluída e o leite contaminado a causa principal desses males.

E por isso que devemos voltar a lembrar que Saúde Pública é água e esgoto, é medicina profilática.»

Uma nova mentalidade

Com satisfação, o médico Dalton Paranaguá afirma que foi possível, nesses dois anos, criar uma mentalidade nova em seu setor de trabalho. E cita como exemplo a integração de esforços, que resultou na transformação das milhares de professoras paranaenses em agentes da saúde pública.

«Um homem de saúde pública quando se aproxima de uma criança parece um marciano. A professora não, ela é bem recebida e atendida pelos alunos, sem temor. As professoras são as melhores vacinadoras que eu já vi na minha vida. Onde não havia um homem de saúde pública, nós vacinamos muito mais facilmente, graças às professoras. É este ovo de Colombo que o Paraná descobriu para todo o Brasil. O Ministério de Saúde já está estudando com interesse o projeto que aqui teve tanto êxito.

E seria bem desejável que isso fôsse feito o quanto antes. Pois o Brasil ostenta a posição nada invejável de representar 90% da varíola da América do Sul e de ser o terceiro país do mundo, somente atrás da Índia e da Nigéria, em varíola. O Paraná está enfrentando o problema da varíola com muito mais coragem. Um caso fatal em Londrina levou em poucas horas até lá uma equipe completa da Secretaria de Saúde. E a campanha estadual foi deflagrada em termos que não deixam dúvidas quanto à seu âmbito. O próprio Secretário de Saúde esteve presente à vacinação.»



resumo em dois anos

Resumindo os quase dois anos de atividade na Secretaria de Saúde afirmou o médico Dalton Paranaguá que, nesse setor, o programa de governo de Paulo Pimentel foi rigorosa e escrupulosamente cumprido.

Lembra que o Paraná será, já em 1968, o primeiro Estado brasileiro na luta contra a tuberculose, graças a compra de novos equipamentos e à inauguração de mais onze dispensários, e que já é o primeiro na luta contra as doenças de massa. E afirma: «Temos a impressão que, mesmo a contragosto de muitos, que preferiam fôsse a Secretaria de Saúde uma Secretaria de «água morna» nosso trabalho foi cumprido. Estamos numa época em que não há mais possibilidade de prometer, sem ter como executar. Uma época em que o povo quer saber, antes da falação, é se há ação. Mas o nosso grande sonho, que já começamos a conquistar, é municipalizar a Saúde Pública, fazer com que as Prefeituras assumam suas responsabilidades neste setor, hoje, 40 ou 50 Prefeituras que estão construindo prédios para a Saúde Pública. Essas prefeituras sabem que não estão fazendo nada para o Estado, mas para si próprias e para os munícipes.»

Outra conquista foi o plano integrado. O povo não quer saber quem é que atende, mas se está sendo atendido. Vemos as comunidades assumir as responsabilidades, cumprir sua cota de trabalho. Em Campo Mourão, por exemplo, quando fizemos a vacinação, foram recrutadas 30 viaturas de populares, o que permitiu acelerar o programa e vacinar rapidamente 98% da população infantil.

E não se pode deixar de citar o grande plano de educação escolar, da Fundepar. Seu valor é incalculável. A criança que aprende no grupo escolar que sabão é útil, que a higiene faz parte da saúde, que os hábitos higiênicos incorporados à personalidade representam um patrimônio de saúde, essa criança faz parte de uma geração nova, formada com nova mentalidade. O Paraná é o primeiro Estado da Federação brasileira a incorporar a educação sanitária como matéria do currículo. Esta é a maior prova da preocupação do governador Paulo Pimentel em resolver os problemas realmente básicos do Paraná, em dotar seu povo de melhores condições de saúde e de vida».



A Multiface de cada um (XI)

ANTONIO JOSÉ, o jovem e o mar

Aos 34 anos, com quatro filhos, Antonio José Lobo Neto — advogado, esportista, homem de empresa, vereador e diretor-administrativo dos Portos do Paraná — é acima de tudo um homem de Paranaguá. Assim como muitos se orgulham em se declarar cidadãos do mundo, Antonio José sente prazer em ser cidadão de Paranaguá, em fazer a apologia do mar, em defender a beleza das praias paranaenses, em quebrar o estado de semi-letargia que costuma caracterizar a economia regional. Quase sempre em camisa esporte, lembra muito o rapaz que saiu da Faculdade de Direito da UP, em 1955, junto com Carlos Alberto Moro, Fernando Gama, Norberto Castilho, Newton Stadler de Souza, todos preocupados com o dia seguinte. Tinham um diploma de bacharel nas mãos, uma porção de informações relativas a códigos e acórdãos na cabeça — e nenhuma experiência.

«Recebi um convite do Centro do Comércio do Café de Paranaguá para servir como assistente de diretoria. Aceitei. Depois de dois anos, passei para a parte jurídica. Em 61, fui convidado para o Departamento Estadual do Café, em Curitiba. Mas a saudade do litoral me trouxe de volta logo. E descobri o que sempre havia pressentido: nós, parnanguaras, temos água salgada nas veias, temos

obsessão pelo mar, por conviver com ele e com sua gente. Hoje, racionalizei esta nostalgia da água salgada e estou disposto a estabelecer um diálogo com ela até o fim».

Hoje, 13 anos após aquele dia em que deixou a Faculdade, casado, pai de filhos, Antonio José é um homem que encontrou os caminhos para esse diálogo. E que agora procura as soluções para os problemas ligados ao maior porto exportador de café do Brasil.

«Eu lamento que o Paraná em matéria de café continue, tanto na lavoura, como no comércio, dentro do imediatismo. Ainda não possuímos tradição cafeeira. Ainda não compreendemos como fazer com que a cafeicultura traga maior e mais permanente riqueza ao Estado e à União. Ainda não compreendemos a necessidade de produzir café da melhor qualidade, em condições de concorrer firmemente no mercado externo, onde o Brasil vem perdendo dia a dia posições para outros produtores. Dentro do quadro atual, em face da super-produção, não temos condições para partir para a guerra de preços. Precisamos de um preço alto, para que metade desse preço possa remunerar convenientemente a lavoura e a outra metade fornecer à União os meios para investir em obras de desenvolvimento. Também sou contra a eliminação do con-

fisco, que não ajudaria a vender mais café. As estatísticas estão aí para mostrar que temos vendido mais café em anos de bons preços do que em anos de maus preços. Isso, naturalmente, não significa que se deve exigir da nação um sacrifício tão grande como é o atual, de manter um guarda-chuva para assegurar os preços dos outros. Mas nessa luta por melhores posições no mercado internacional há uma série de enganos. A questão das cotas, por exemplo. O Brasil vem lutando para manter uma cota que ele não preenche, porque não tem tido condições de competição. Temos visto inclusive o Governo fazer remessas para o exterior para, simbolicamente, preencher sua cota.»

O ESPORTISTA

«Se eu tivesse que fazer uma música para mim mesmo, não seria o «Beto Bom de Bola» e sim o «Zeco Ruim de Bola». Só consegui jogar futebol quando menino e quando mocinho, quando eu era o dono da bola. E assim mesmo, lá na ponta-esquerda. Acho que o destino natural dos ruins de bola, mas que gostam da bola, é ser dirigente de clube. Some a isso meu amor pelo Rio Branco e veja o



resultado. Trabalhei no clube como se estivesse suando a camisa nas partidas importantes que não joguei. E descobri uma coisa muito importante: nada pode se comparar a uma vitória do time do coração da gente. Principalmente quando a gente é diretor e sente, desde a segunda-feira anterior ao jogo, as emoções da partida do domingo. Vivendo cada problema do time, dos jogadores, o dirigente joga também. E às vezes joga mais do que os próprios atletas.»

E' assim que Antonio José explica seus sofrimentos e lutas no Rio Branco, clube que espera ver em 1968 novamente na «Primeirona», disputando uma vaga na Divisão Especial.

O POLÍTICO

Em Paranaguá, poucos duvidam que Antonio José seja um dos mais ativos vereadores da atual legislatura. Basta dizer que todos os projetos importantes passaram pela sua mão e receberam substanciais contribuições para seu aprimoramento. Qual seria o programa de administração do prefeito Antonio José?

«Em primeiro lugar, colher os frutos da atual administração, que irá aprovar o Plano Diretor de Paranaguá, destinado a dar condições urbanas e de vida à população do município. Evidentemente, um Plano apenas não basta. Já se disse que saber governar é saber optar. Competirá ao futuro prefeito saber os graus de opção e principalmente sentir quando devem ser feitas essas opções. Mas creio que o Plano Diretor será uma peça de importância básica. Pessoalmente, dou prioridade ao saneamento — água, esgotos, canais de águas pluviais. Em segun-

do, a pavimentação das principais artérias. Mas acho que o futuro prefeito não pode se descuidar, de jeito algum, da economia municipal. E não falo apenas da economia pública, mas principalmente da economia privada. O prefeito terá que pensar seriamente em assuntos como a melhoria das condições portuárias da cidade. Embora o assunto não lhe esteja diretamente afeto. Mas o fato é que o Pôrto de Paranaguá será, durante muito tempo a principal fonte de riqueza da cidade. E' preciso pensar, também, nas fontes secundárias de riqueza do município — turismo e praias. Você sabe que Paranaguá, com a separação de Matinhos, ficou apenas com a Praia do Leste e Pontal do Sul, as duas, pode-se dizer, semi-desertas. E no entanto, estou certo de que aqui reside ainda o principal ponto de atração turística da região. Basta que se tomem as medidas necessárias ao aproveitamento destas praias para torná-las atraentes aos turistas. E isso significa equipamento hoteleiro, setor que ainda se apresenta fraco. O poder público precisa assumir a responsabilidade onde a indústria hoteleira se mostra débil. O que, por sinal, não constitui nenhuma novidade. O governo paulista e o governo mineiro já fazem isso no Circuito das Águas, que abrange as estâncias hidro-minerais dos dois Estados. Além disso, precisamos cuidar dos meios de transporte, fazendo a ligação por asfalto entre Pontal do Sul e Praia de Leste, seguindo a orla marítima, criando uma faixa de 25 quilômetros capaz de se tornar atraentes aos veranistas. As condições de infra-estrutura são razoavelmente boas: já existe energia elétrica, já há telefones. Falta a rede de saneamento, que dependerá de uma solução comum com Matinhos, o mesmo ocorrendo com a rede de água, que já possui até projeto concluído.

O outro grande caminho do desenvolvimento de Paranaguá é a pesca. Mas a pesca em grande escala, a pesca industrial, que crie condições para o aproveitamento de mão-de-obra, que aumente a receita municipal, que pelo seu efeito multiplicador gere novas riquezas e estimule outras atividades econômicas. Os planos da Sudepe, os incentivos fiscais existentes possibilitam a execução dos planos de industrialização da pesca. Por sinal, há muitos capitais privados prontos a colaborar com a sua implantação, principalmente visando os mercados internacionais, que são receptivos a produtos marítimos, particularmente camarão.»

O HOMEM

Assim é Antonio José, o esportista, o homem público, o advogado. E o cidadão? Bem, o cidadão Antonio José é um homem feliz. Principalmente por causa de dona Maria Julieta, de Vitor, de Denise, de Gisela e Luciane. Feliz porque, como vereador teve uma boa atuação, tornando-se um membro praticamente nato da Comissão de Justiça, e participando da elaboração de todos os projetos que por ali passaram. Feliz porque, como esportista, sempre conseguiu colocar o esporte acima de tudo, acima mesmo da paixão clubística. Feliz porque ajudou o Pôrto de Paranaguá a consolidar sua posição como grande exportador brasileiro.

Com sua água salgada de parnanguara correndo quente pelas veias, com sua nostalgia marítima saciada, ele é um homem pronto a enfrentar qualquer trabalho pesado. Desde que seja ao nível do mar.



Praça Rui Barbosa: os primeiros fundamentos urbanísticos.

ITAMBÉ À VESPERA DE NOVA ARRANCADA

Paulistas e mineiros disputam no Paraná a conquista de maior número de prefeituras. Embora no sul a gauchada e os catarinenses nas regiões pioneiras comecem a aparecer com destaque, o fato é que a liderança política interiorana do Paraná é, por motivos históricos compreensíveis, vem sendo exercida por paulistas e mineiros, mas todos assimilados ao modo de ser paranaense.

Em Itambé, um nôvo e progressista município, sente-se em várias coisas êsse processo de assimilação. A avenida principal chama-se São João, o que não deixa de ser uma indicação do que pensa e do que sonha para ela o prefeito Misdei

Moreschi, um bandeirante de Taquaritinga, identificado com a vida do interior e mais sensibilizados pelas coisas grandes da metrópole. Até no próprio símbolo da cidade, um pouco na linha visual do «Aqui se Trabalha» do governador

Pimentel, sente-se o contacto forte da contribuição aculturada, mesclada de São Paulo e Paraná. O dístico repete o esquema do adotado para o Estado. Junto à esfera verde há três abelhas, uma indicação do trabalho e que

lembra a colmeia de Carvalho Pinto, e embaixo o lema União e Progresso. Quem bolou o símbolo foi o escriturário René Correia, servidor municipal.

Isso quer dizer que estamos cem por cento com o Paraná, seu governo e suas intenções e queremos a união do povo daqui para vencer qualquer dificuldade.

O prefeito explica que foi isso que sentiu ao aprovar o desenho que já aparece nas numerosas placas que marcam obras públicas. Como a colocada na praça central, a Rui Barbosa.

Um símbolo que prega a união

A praça, que se encontra em andamento, já com a colocação do calçamento petit pavet e preparação de canteiros para jardins, está dando muito trabalho. Para dar ordem ao arruamento e garantir a livre circulação do tráfego o prefeito foi obrigado a deslocar a igreja da paróquia para o que contou com o apoio e a ação do padre Alto Matias. O templo foi removido e hoje se localiza à esquerda da praça Rui Barbosa em ponto dominante na sede. Com essas operações e as de calçamento e meios fios, vai se delineando o equipamento urbano fundamental de Itambé.

Há outras obras importantes nas ruas laterais como o atendimento da água, através da ampliação da rede.

— O senhor já imaginou o deslocamento de gente e veículos que acontecerá quando ligarmos a cidade por asfalto à rodovia Maringá-Campo Mourão?

Misdei Moreschi está certo que a fisionomia da sede mudará muito e exigirá o surgimento de novos serviços para atender as populações flutuantes. E conta que a ligação asfáltica sairá mesmo com o entusiasmo de quem fala de sua principal meta.

O secretário da Prefeitura, assessor chave, é João Batista da Silva Paixão que justifica essa prioridade.

— A estrada valorizará a sede como centro de comercialização de porte médio. Isso garantirá mais retenção de recursos decorrentes da produção municipal.

Serão apenas 12 quilômetros de asfalto, para os quais vale a pena mobilizar recursos e ir a todas as fontes possíveis de financiamento ou que possibilitem convênios. A idéia central é pleitear uma ação comum com o DER.



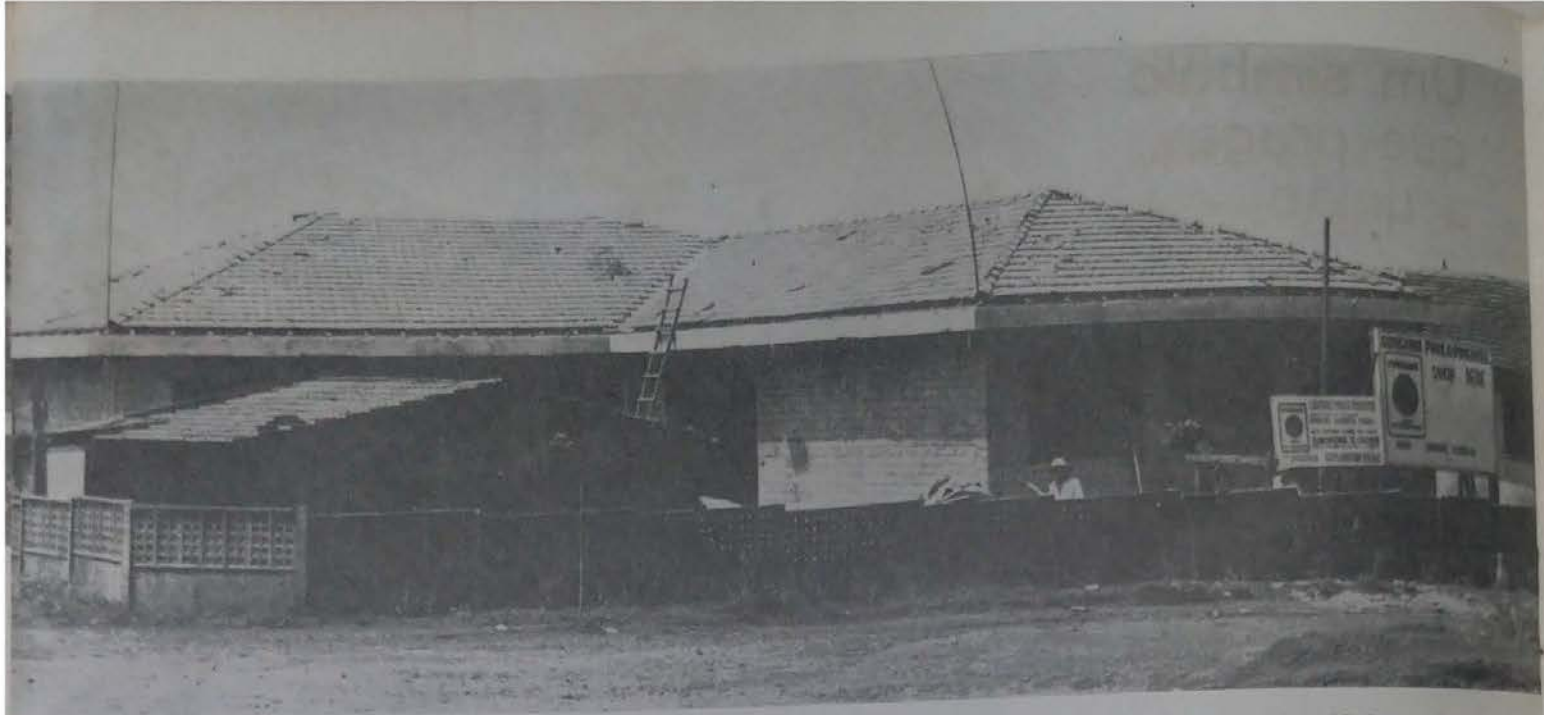
Um dos prazeres da cidade é olhar os contornos que a praça Rui Barbosa ganha com o desenvolvimento da construção. E que ali a sua juventude vai fazer o "footing" depois da missa e discutir o seu futuro e o da cidade.



Ampliação da rede de água que complementarä praticamente as necessidades da sede.

Inauguração de obras, dia de festa: melhorias na estrada que liga a sede a Jaguaruna e ponte sobre o rio Marialva.





O governo estadual está presente e a cidade acompanha com ansiedade o andamento das obras da nova unidade escolar na sede.

policultura, o mistério de uma cidade que cresce

A área total do município tem 14 mil alqueires, dos quais 50% são ocupados por uma lavoura diversificadíssima. Lavouras principais: café (2.600 alqueires), milho (2.500 alqueires), soja (1.400 alqueires), feijão e hortelã (1.200 alqueires), algodão (400 alqueires). A área de pastagens não vai além de 2.500 alqueires. As propriedades em número de 664 têm o predomínio das situadas na faixa entre 5 a 10 alqueires.

Na sede há duas agências bancárias: a do Banco Mercantil e Industrial do Paraná S.A. e a do Banco Brasileiro de Descontos com movimentação geral de depósitos de cerca de 700 mil cruzeiros novos em média.

Possui 65 casas comerciais, dezenas de unidades beneficiadoras de produtos agrícolas, serrarias, aproximadamente 650 sítios e fazendas. Sua frota de automóveis, proporcionalmente, é bastante elevada: 250 veículos, sendo que mais da metade se constitui em equipamento de carga.

Os contatos principais são com Maringá, Marialva, São Pedro do Ivaí, Bon-sucesso, Quinta do Sol e Peabiru em 12 horários explorados pelo Expresso Atalaia e Expresso Ivatuba.

O sistema viário de responsabilidade municipal, com exclusão dos trajetos vicinais, é de 181,50 quilômetros. Boa parte dos recursos têm sido aí aplicados na retificação de traçados, abertura de

estradas e construção e reforma de pontes. Como a ligação com o bairro de Jaguaruna que ganhou ponte sobre o rio Marialva e a ponte sobre o rio Keller. Há muito a fazer no setor porque existem 23 estradas e a Municipalidade procura dar o máximo de aproveitamento ao seu maquinário, grandemente solicitado para essas tarefas (a motoniveladora Adams e o trator de esteira Internacional operam na sede como nos patrimônios e vilas).

Grandes também são as responsabilidades cometidas ao município no ensino: a cidade espera com ansiedade o andamento das obras da unidade que a Secretaria de Educação está construindo em convênio com o Departamento de Edificações e Obras Especiais. Conta atualmente com ginásio e terá o seu Curso Normal Regional em 1968. Mas como sempre as maiores carências são no setor do ensino primário (o prefeito estima em mais de 2 mil o número de crianças sem escolas). Afora o grupo escolar estadual são mantidas mais 13 escolas isoladas municipais e 8 estaduais.

A presença do governo estadual aqui não pode ser negada — diz o prefeito, e faz referência ao odor de inseticidas nas casas para lembrar que aquilo resulta da ação conjugada entre o Estado e o Departamento Nacional de Endemias Rurais na luta contra o bicho barbeiro. A verdade, porém, é que Itambé carrega

recursos para os Estados: a arrecadação estadual em 1966 foi de 151,4 mil cruzeiros novos e neste exercício, com a implantação do ICM, já alcançava 366,5 cruzeiro até agosto. O ICM do município, previsto no orçamento, em 59 mil cruzeiros novos já estava em 85 mil no começo do mês. Mas a arrecadação não deverá ultrapassar em muito a previsão geral de 275 mil cruzeiros novos em vista das receitas de quotas da União não terem se comportado como se esperava. Uma satisfação especial domina os líderes da região: o funcionamento de CEPRES (previsão de safras) que será um instrumento de defesa dos produtores. Segundo os dados colhidos, a produção será de 150 mil sacas de milho, 70 mil de soja, 100 mil arrobas de algodão, 20 mil sacas de café, 15 mil sacas de feijão, 12 toneladas de girassol e 10 toneladas de rami. Há ainda lavouras de trigo, arroz e hortelã e uma pecuária em franco desenvolvimento.

Em Itambé como na maioria esmagadora das cidades do setentrão há um forte interesse da juventude no iê-iê-iê. Volta e meia se encontram cartazes anunciando conjuntos de cidades como Jandaia, Apucarana e outras.

Há ainda outras formas de recreação como o futebol, o cinema e, conforme Sadi Decol acentua, a pesca no rio Ivaí, no sítio do Sadao. Fala-se ainda em ilhas e nos saltos que atraem grande número de excursionistas nos fins de semana.

vem aí a divisão das eras: antes e depois do asfalto

O prefeito Misdei Moreschi tem uma aguda visão dos problemas essenciais da região.

— Não dá para desligar umas coisas de outras. O problema de saúde depende do desenvolvimento da lavoura, de preços mais estáveis. Em 60 horas, uma vez, o preço da menta caiu de 13 para 7 mil cruzeiro o litro. É preciso orientação agrícola que cubra tudo, desde os problemas de técnicas, sementes selecionadas, correção de solos, fertilizantes, plantio em curva de nível, até a da defesa dos preços.

E sintetiza numa impressão: «O lavrador vive desconfiado quando anunciam essa questão de técnica com medo de entrar numa «fria». A verdade é que não sai da «fria».

Porisso elogia a previsão de safras como mais um meio de mostrar ao governo e ao produtor os caminhos mais certos para mais rendimentos.

O «União e Progresso» do distico da Prefeitura foi uma divisa que veio muito a propósito quando Misdei Moreschi encarou o problema da pacificação política local como um objetivo indispensável e imediato. E essa conquista é que permite o desenvolvimento de um lado da política financeira para cobrir o plano de obras que nada tem fantasioso mas que pretende dar o essencial a Itambé na parte educacional, de transportes, sanitária e de assistência.

Na avenida São João os melhoramentos começam a brotar. A rede de água amplia e providências no setor sanitário são tomadas para impedir maiores focos de infestação por verminoses, o Estádio Municipal será em pouco um orgulho da cidade como já o é a sua fanfarra escolar.

O apoio dos líderes — o padre Alto Matias, os dirigentes religiosos da Congregação Cristã no Brasil, da Assembléia de Deus e do Movimento de Avivamento Bíblico, os empresários rurais — tem sua expressão concreta no apoio que a Câmara Municipal, presidida por Gibson Linhares Monteiro, dá a esses impulsos de progresso. São camaristas: Samuel Ferreira de Carvalho, Geraldo Gonçalves Tórres, Benito Rodrigues, Durval Rampelotti, Sebastião Pavesi, Rafael Lopes, Alécio e Paulino Orlandini.

A maioria dessas pessoas entende que a ligação com a estrada principal — Maringá a Campo Mourão — marcará o início de um novo tempo na história do município.



Misdei Moreschi quer o asfalto, melhoria do ensino, mas acha que sem orientação agrônômica tudo é difícil.



As operações de terraplenagem vão aos poucos definindo o que será o Estádio. Embaixo, remoção da Igreja de Nossa Senhora das Graças.



FORMOSA DO OESTE

Fotos de OÉDES G. MAIA

nasceu de um molde, da maquete que a colonizadora — Sinop, Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná — erigiu ao fixar os critérios de nucleação territorial no vale do Piquiri. Ennio Pepino, autor dessa obra, volta e meia se emociona com Formosa: a notícia de que a principal praça teria o seu nome não o atinge tão fundamentalmente como a constatação diária de que a cidade correspondeu e foi além do que se esperava. Olhando a maquete, no escritório da empresa em Maringá, Ennio Pepino resume a sua impressão: «Aqui a realidade vai muito além do que se sonhou.» Depois, como se estivesse recompondo tudo o que se fez desde o desbravamento, o levantamento, o levantamento topográfico, o loteamento à base de pequenas áreas em média de seis alqueires. «Estas são as melhores terras do Brasil e a riqueza do seu solo foi comparado a da Ucrânia.» Narra a luta e faz uma pausa para defender a pequena propriedade. «O minifúndio útil, como é o caso das terras do Piquiri, constitui a forma econômica e social mais adequada de propriedade. Ali não há lugar para grandes tensões e com a evolução dos meios de transporte, saúde e principalmente de escolarização o homem rural poderá dominar melhor as técnicas de exploração da terra e de comercialização dos seus produtos, inclusive pelas formas superiores de associação.» Tem uma palavra de entusiasmo para a liderança que nasce em Formosa e sobre o prefeito Antônio Fregulia não esconde sua admiração — «É um homem simples, de um dinamismo incomum, voltado para o desenvolvimento econômico de sua cidade.»

O progresso é muito rápido e o plano de desenvolvimento de Formosa vacinará a cidade contra as distorções.

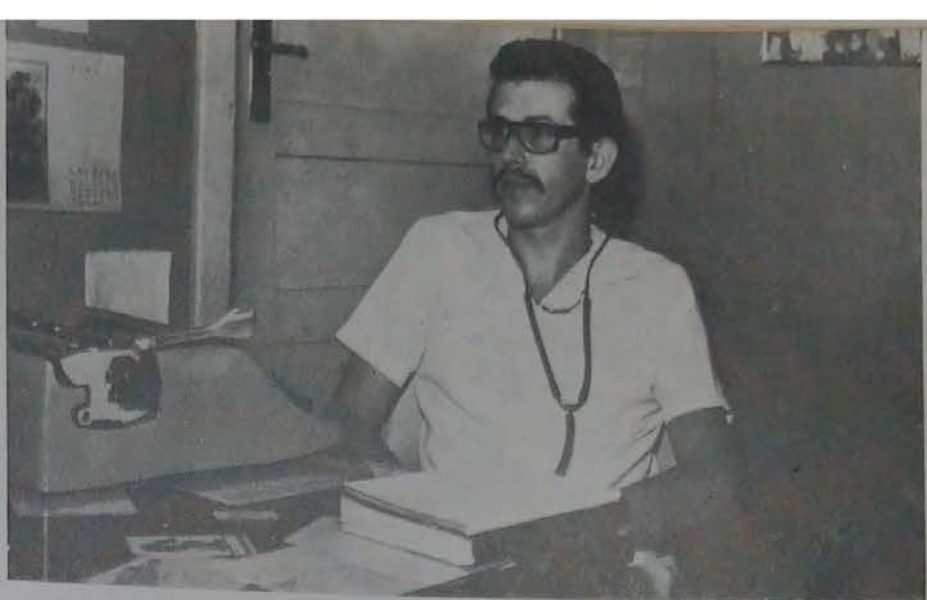


HOSPITAL PARA CURAR ÁGUA PARA PREVENIR

O médico Arildo Loper inspeciona o andamento das obras do seu hospital, o mais aparelhado e moderno de toda a região, em Formosa D'Oeste. Conhecendo o povo e as potencialidades econômicas da área repete hoje o impulso pioneiro de Ulysses Gonçalves de Araújo que em 1958 comprou os primeiros 8 alqueires na região. Ulysses viera de Ivaíandia e entendia de terra roxa, Wenceslau Zeidel Júnior e Eduardo Seidel vieram depois, todos confiantes na fertilidade do solo e na capacidade de trabalho do homem que para lá se deslocava. Mas talvez seja mais próprio comparar a situação do médico com a do nipônico Yuko Yamada que adquiriu a primeira data urbana, a 30 de junho de 1959. Pois Ulysses, Wenceslau, Eduardo e Yuko foram os que tocaram para a frente o ideal da gleba para a qual a companhia colonizadora, SINOP, reservara a condição estratégica de capital do vale do Piquiri. Já a 10 de junho de 1961 era criado o município, instalado a 8 de dezembro do mesmo ano. Hoje o médico Arildo Loper — que como todo o profissional do hinterland faz clínica, cirurgia e enfim de tudo um pouco — acredita na decolagem do município e aplica ali grandes recursos. Está encontrando dificuldades naturais, mas o prefeito Antônio Fregulia procura removê-las, pois entende que o nosocômio particular, ligado amanhã a um esquema de profilaxia a cargo da Secretaria de Saúde, cobrirá as necessidades de Formosa em matéria sanitária.

— O negócio básico em saúde é água — diz o prefeito e conta que para tanto procede estudos técnicos e econômicos para o abastecimento da sede e dos polos distritais em Jesuítas, Carajá, Iracema. E acrescenta: «com a ação da medicina preventiva, da orientação nas escolas, iremos enfrentando dentro do possível o drama das verminoses, pois eu sei que não adianta dar lombrigueiro para quem volta a andar descalço, a beber água de fontes poluídas e a não usar sanitários com um mínimo de segurança. Isso é, com localização conveniente e feito o sistema de fossas dentro de certa técnica.

O Hospital São Lucas, que substituirá o de madeira existente bem no centro, é de alvenaria e constará de bloco cirúrgico com três salas operatórias, as quais juntamente com o gabinete clínico terão ar condicionado. Laboratório de análises clínicas, raios X, serviços completos de anestesia, oxigenioterapia e re-hidratação



O médico Arildo Loper é um homem preocupado com as doenças de massa. Sabe que os índices de mortalidade infantil (estados carenciais, verminoses) são elevadíssimos. E que a maneira mais eficiente de reduzi-los é através da coordenação de programas de desenvolvimento econômico (estradas, diversificação e racionalização da lavoura) com os de natureza social (assimilação de cultura e técnica, educação). O hospital é convocado mais para a ação de tratamento do que de prevenção. Entende que é urgente fazer algo de fôlego no setor.



O Hospital São Lucas comprova, também no setor de saúde, que a iniciativa privada caminha mais rapidamente do que o poder público. O prefeito reivindica do Estado programas de sanitismo básico para reduzir os índices de mortalidade das doenças de massa. O primeiro passo a Prefeitura o dará com o serviço de água.

ção (muito elevado o índice de mortalidade por desidratação), maternidade com incubadora para prematuros, raios ultravioleta e infra-vermelho, bisturi elétrico e ultra-som. Enfim um padrão de medicina com avançado grau de refinamento e especialização.

É um dos ângulos modernos de uma cidade de apenas 6 anos e que somente agora parte para a implantação de equipamentos urbanos, do qual o mais expressivo é a Praça Ennio Pepino. E é por isso que a Prefeitura adquiriu a fábrica de tubos e meio-fios, a pedreira e montou seu porto de areia. Acontece que há a consciência de que tudo deve ser bem feito, com visão do futuro. E essa noção está presente no empreendimento particular do médico que se deslocou ao vale do Piquiri e nas atividades públicas.

O que se faz em matéria de transportes é um exemplo: há sete anos atrás gastava-se 5 horas para ir a Cascavel, centro polarizador da região. Na segunda quinzena de outubro várias pessoas haviam feito o percurso em sessenta minutos. Ocorre que está havendo muito empenho na alteração de traçados, com a supressão de curvas, e abertura de novas estradas, o que vem ampliar as responsabilidades de conserva numa rede de quase 700 quilômetros sem contar os numerosos caminhos vicinais. Do orçamento de 1966 — de 115 mil cruzeiros novos — quase a metade (52 mil) foi aplicada no setor rodoviário. Costumava-se até dizer em Formosa e municípios vizinhos que a ação do prefeito Fregulia em matéria de estradas e escolas cobre os pontos cardeais.

SEGUIE

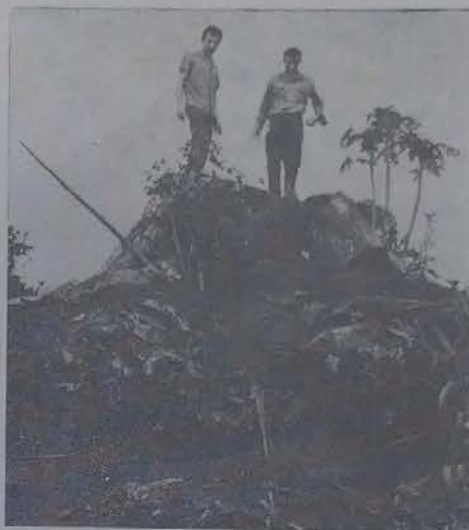
ESTRADAS E O ENSINO LIDERAM INVESTIMENTOS



Rodovia é a prioridade um no programa da Prefeitura. No ano que vem haverá aplicação cerrada em sanitário, mas a Municipalidade não pode ainda definir se parte para a captação no rio ou em fontes próximas livres de poluição ou para a abertura dos poços artesianos.



Dezenas de pontes foram construídas ou reformadas. Eis uma das existentes sobre o rio Jesuitas na ligação da estrada "Engenheiro Edmundo Mercer" com a Vila Iracema.



Uma fileira de raízes de peroba, algumas com até 30 toneladas, retiveram a marcha da construção da estrada "Engenheiro Edmundo Mercer". A rodovia está, tecnicamente, enquadrada nos padrões exigidos pelo DER, mas durou 19 dias sua luta com as perobas. Outras frentes rodoviárias são abertas e o trator entra em luta com a floresta no novo traçado que liga Formosa a Assis Chateaubriand, que encurtou as distâncias em 12 quilômetros, além das vantagens técnicas para o tráfego.



A estrada «Engenheiro Doutor Edmundo Mercer» — ligação com Nova Aurora — é um exemplo de como se encara a questão rodoviária na região. A distância foi reduzida de 39 para 26 quilômetros e o traçado obedece praticamente às normas do DER para as ligações do plano estadual. Na batalha da estrada houve pontos difíceis como os representados pela retificação de traçado e remoção de troncos de perobas, alguns deles com mais de trinta toneladas. Nessa frente houve até uma luta de 19 dias contra uma formação de troncos de peroba em meio ao cafezal. Mas o esforço compensou e a estrada de 15 metros de pista é um orgulho.

Também as ligações com o distrito de Jesuitas, que caminha rapidamente para a autonomia municipal, melhoraram com encurtamento de 26 para 12 quilômetros. E a estrada para Assis Chateaubriand, que se encontra em adiantado processo

de retificação com novo traçado, vai reduzir uma distância de 36 para 24 quilômetros.

Como a região é cortada por numerosos rios houve necessidade de construir pontes e reformar muitas das existentes: duas sobre o rio João de Kong, uma de 16, outra de 33 metros; duas grandes sobre o rio Jesuitas, uma de 66, outra de 55 metros; duas sobre o Bandeirantes, de 17 e 9 metros; três sobre o Água Preta — de 23, 21 e 18 metros; duas sobre o Araras de 13 metros; e outras tantas sobre o Central, Espírito Santo, Mundo Novo e córregos.

O Antoninho não tem parada — comenta Alvaro Cadamuro, proprietário do Lider Bar, um dos pontos de encontro na sede.

Hoje há algum recurso para governar, mas no ano passado o prefeito se viu obrigado às vezes a apelar para atitudes dramáticas como aquela vivida no gabi-

nete do ex-secretário de Viação e Obras, engenheiro Saul Raiz, quando se revelou disposto a dormir nos sofás do gabinete, caso não levasse uma solução concreta para problemas de obras públicas no setor educacional.

O fato só não ganhou características de lenda, porque esse era o ritmo comum, o dia a dia de um prefeito que precisou no ano passado viajar à Capital 36 vezes contra apenas 4 durante este ano.

O ICM acabou com a romaria dos prefeitos à metrópole. E nos deu meios de melhorar o nível de administração no interior e até de ver o início de um processo de renovação de liderança política, ainda em curso, mas que é a maior reforma já feita no Brasil.

Antonio Fregulia lembra o desgaste, a perda de tempo em gabinetes, o artigo 20 servindo para manobras e tráfegos de influência, alimentando a valdade de intermediários.



O problema escolar é de tal magnitude que na própria sede ainda há aulas numa igrejinha, situada ao lado do playground da Prefeitura. No grupo da sede — o Rui Barbosa — há 624 alunos.



O ano que vem se forma a primeira turma de normalistas regionais em número de 176. O ensino vai melhorar qualitativamente. Virão também para a cidade algumas normalistas secundárias de Campo Mourão; mas não sabem se obterão nomeação para as unidades de ensino estaduais.



A escola pública é o maior invento do homem para a democracia, mas o ensino no interior funciona como um espelho dos dramas mais profundos de um Estado que cresce e não pode impedir o sacrifício de vastos setores das gerações novas. Muitas dessas crianças não concluirão os seus estudos — esclareça-se que na precária escolinha sem carteiras na estrada do Jacaré todas as séries (da 1ª a 4ª) aprendem juntas — e isso por causa da migração dos pais e da oscilação das safras. Ou ainda porque o caderno acabou. Apesar do que a Prefeitura e a Secretaria de Educação fazem há consciência de que isso não está certo. Mas já há passos muito positivos. Um deles é a superação das escolinhas de palmito que lembravam cabana de índio ou de rastreador.

— O ato do ex-presidente Castelo Branco foi um corte nos vícios que subordinaavam o prefeito, embora seja justo lembrar que o governador Pimentel ainda era um dos poucos no Brasil que procurava pagar as quotas.

Formosa até o fim de setembro havia arrecadado 146,8 mil cruzeiros novos só de ICM, quando a previsão para o exercício inteiro era de 145 mil cruzeiros novos. A arrecadação geral deverá ficar em pouco menos de 350 mil cruzeiros novos. Para quem obteve 115 mil cruzeiros novos em 1966, 55 mil em 1965 e 31 mil em 1964 a evolução é satisfatória e justifica alguns dos planos corajosos que se pretende fazer: urbanização (lançamento básico do Plano Diretor, o que já está em andamento com a firma Planepar), abastecimento de água, operações de nivelamento com a colocação de tubos e meios fios, o matadouro (desapropriação de área), Estádio Municipal, novas uni-

dades no Centro Cívico (Delegacia de Polícia, outras repartições). Afora isso, o Município reivindica do Estado a já prometida ponte sobre o rio Piquiri no Pôrto IV na entrada da cidade, o ginásio, grupos escolares na sede e em Jesuítas, aceitando como razoável a tese do governo de que o novo sistema tributário permite ao Município assumir encargos.

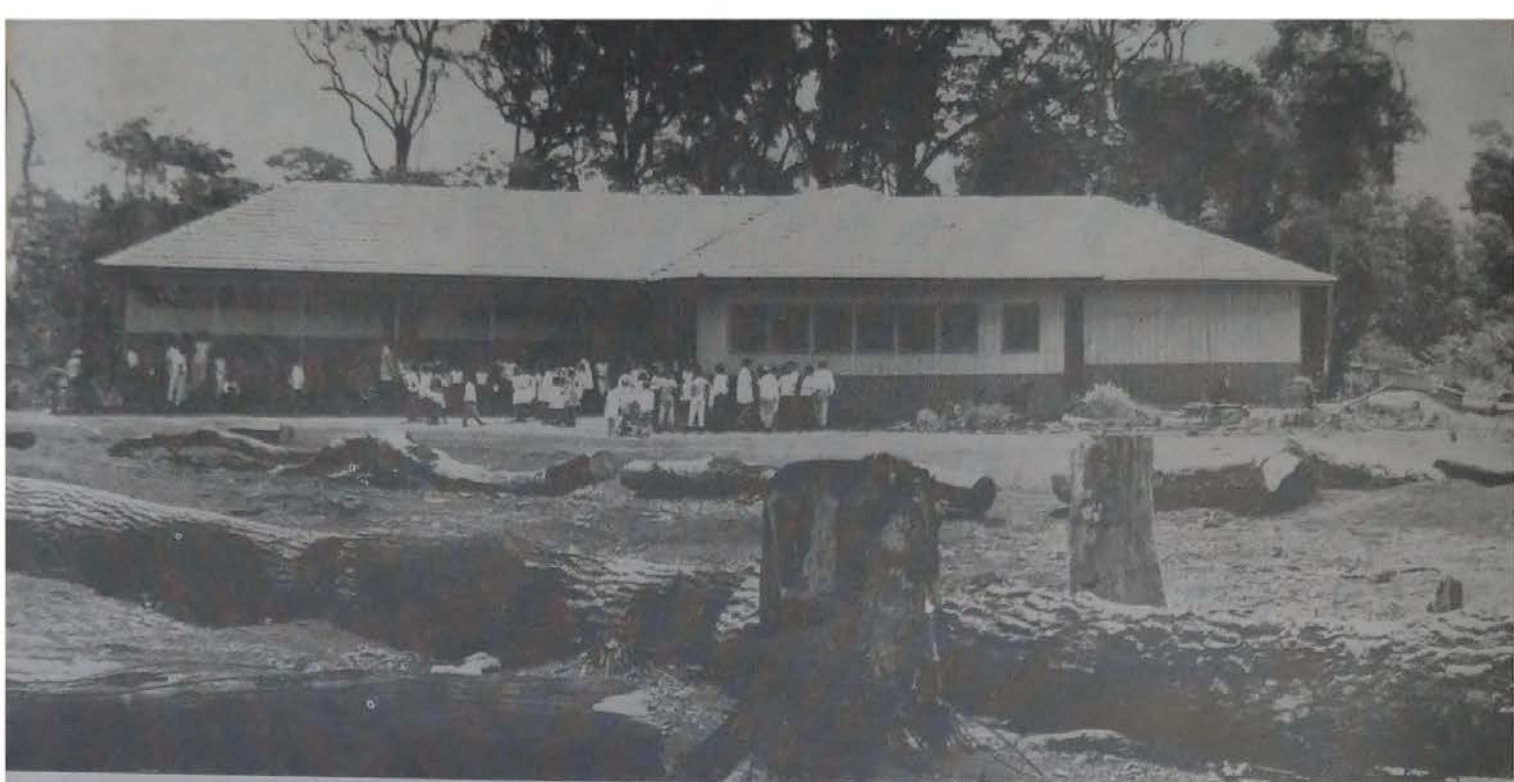
— E' o que fazemos, quando temos posição dominante nas responsabilidades educacionais: temos 151 professoras municipais e apenas 22 estaduais. Das 39 unidades existentes, apenas 11 são estaduais.

O prefeito vai riscando num mapa as unidades escolares existentes e de quando em quando lembra com satisfação a substituição de escolinhas de palmito que se assemelhavam a construções primitivas de índios e rastreadores. Elas não existem mais. Ainda há pouco existiam cinco dessas unidades. Acontece que o

governo municipal aplicou no ano passado 23 mil cruzeiros novos no setor e este ano o investimento é muito superior.

Isso não significa que o ensino seja um mar de rosas. A situação é semelhante a que ocorre na quase totalidade dos municípios paranaenses: professores leigos lecionando em escolinhas precárias, muita vez, sem carteiras ou quadro negro, para crianças de todas as séries a um só tempo. Mas onde a explosão demográfica é intensa e as mudanças de novos moradores se processam diariamente, torna-se indispensável fazer algo. E a cidade o faz, consciente, porém, de que isso é uma gota d'água, mas certa de que a convivência escolar ainda que tecnicamente inadequada é sempre útil para formar o cidadão. Todavia há confiança nos esforços da Secretaria da Educação, que é desafiada a atender situações ainda mais duras em outros pontos do Estado.

SEGUE



Casa Escolar de Jesuitas: tem 580 alunos, com quatro salas, em três períodos. 6 professores municipais, 1 do Plano Nacional de Educação e 5 estaduais. Feita em Convênio.

ENSINO, O REFLEXO DA SOCIEDADE QUE CRESCE

A dificuldade em ajustar o calendário escolar ao regime de safras explica a tremenda oscilação de frequência, notadamente nas escolas isoladas, no quadro existente na Inspeção Municipal de Ensino.

Preocupada com os problemas de evasão escolar, que são estorcedores, quase como uma regra geral no hinterland, a professora Sonécima Soares Ferreira mostra que o mês de maior frequência foi abril com 5.469 alunos. Mas em agosto já caíra para 4.654. A proporção de alunos de escolas municipais é quase de 4 para 1 para os das estaduais.

Conta as experiências interessantes que as dificuldades vão impondo como a ocorrida na primavera quando alunos de algumas escolas construíram as suas próprias carteiras de aula. Revela que uma das causas muito comuns do abandono escolar é «o término do caderno e do lápis», falta de material para estudar e que os pais não podem comprar.

Mas se há um dia em que as crianças gostam de ir à aula é nas sextas feiras. Acontece que nesses dias como explica a professora Cecília Alencar a merenda escolar é reforçada com polenta e carne.

— A maioria das crianças têm nesse dia uma ração alimentar bastante variada para os seus hábitos: além do leite em pó, trigo laminado, aveia, há o reforço da polenta e mais três quilos de carne oferecidos pelos açougueiros.

Dona Cecília é da Campanha da Merenda Escolar e conclui um relatório trimestral da distribuição dos alimentos e andamento da campanha. Diz que o prefeito de Formosa está presente em todas as iniciativas do ensino e dá o seu quinhão de participação também no caso da merenda, oferecendo equipamento (panelas, chaleiras, etc) e instalando cantinas. O governo estadual cede o açúcar e a Aliança para o Progresso remete leite em pó e instruções ensinando a criança a organizar uma horta, a criar tilápias e coelhos. Aliás as tilápias se aclimataram bem na região e existem no município diversos criadouros.

Outra iniciativa interessante, apoiada pela Municipalidade, é a da montagem das associações de pais e mestres, que possibilitam maior integração da escola e da família nas responsabilidades comuns. A professora Dalva Pereira de Oliveira, secretária de uma dessas entidades em Carajá, entende que esses agrupamentos podem criar espírito de liderança e exercer influência ponderável nos rumos da cidade, que ainda não pode contar com clubes de serviço.

— Estamos aprendendo que não adianta lamentar o que há de negativo no ensino no interior. É preciso forçar a imaginação e ir encontrando os meios de enfrentar os problemas mais graves pela ordem de importância.



Executivo e Legislativo unidos: o prefeito Antonio Fregulia e o vereador Ludovico Chicowski, presidente da Câmara, fazem frente comum com o povo no ataque aos problemas do município.

UMA LIDERANÇA BEM TRANQUILA

Para dar o salto, que ora empolga a região, Formosa D'Oeste depende muito de sua liderança social e política. Os agrupamentos ligados ao comércio, à lavoura, e à pequena indústria sentem que é preciso participar ativamente dos fatos políticos e por isso mesmo vem dando



A construção da ponte sobre o Piquiri no Porto IV é uma reivindicação de vários municípios. O proprietário da balsa é fazendeiro na região e se inclui entre os que pedem urgência para a ponte.



A Agência do Banco Mercantil e Industrial do Paraná em Formosa D'Oeste é movimentadíssima, prestando serviços inestimáveis às classes produtoras da região.

apoio ao governador da cidade que tem um estilo de agir que foge à rotina. Isso está claro na cobertura da Câmara de Vereadores que divide responsabilidades com o Executivo. O eleitorado é de 6 mil e deve crescer bastante em função da campanha da Secretaria do Interior e Justiça. Os camaristas, refletindo os sentimentos dessas lideranças, apoiam o aumento do colégio eleitoral, considerado ainda baixo para uma área de cerca de 60 mil habitantes. Também o vice-prefeito Orlando Verussa se engajou neste como em outros movimentos.

Os vereadores são os seguintes: Ludovico Chicock, presidente da Câmara; Vice: Sebastião Tomasini; 1º Secretário: Valter Moreira Braga; 2º Secretário: Gregório Eugênio da Silva; Valmor Cattanio, Juvenino Gomes, Arley Nunes Serafim, Petronílio Xavier e Amadeu Lúcio de Melo.

Tanto o prefeito como os educadores, os profissionais liberais e os colonizadores da região identificam as metas do município: a ponte, o ginásio, e os grupos escolares da sede e de Jesuítas, a abertura dos poços artesianos, etc. E porisso a chegada de uma equipe de técnicos incumbida de fazer os levantamentos preliminares para o Plano Diretor entusiasinou a todos. É que esse trabalho vai programar e ordenar o desenvolvimento econômico e social de Formosa D'Oeste. Já foi concluído o levantamento topográfico altimétrico. Seguir-se-ão os projetos de urbanização, rede de água e esgotos, pavimentação, programas de atendimento rodoviário, rede escolar, saúde e assistência social. Os técnicos da Planepar acreditam que dentro de curto prazo, Formosa poderá ser um centro polarizador intermediário de Cascavel e Campo Mourão. «Essas diretrizes» — assevera o Diretor técnico da empresa, o sociólogo Ozell Moura dos Santos — «visam a

expansão e o desenvolvimento da cidade para os próximos 20 anos.»

O deputado estadual Roberto Galvani, representante da região no legislativo, deu uma sólida demonstração do seu empenho ainda por ocasião das emendas oferecidas ao orçamento entre as quais se destacam as consignações de 100 mil cruzeiros novos para o Forum, residen-

cias do juiz e do promotor público; 30 mil para o ginásio; ligação da energia de Melissa a Iracema e Carajá pelo DAEE — 30 mil; 150 mil para a ponte sobre o Piquiri e outras para unidade sanitária, escolas isoladas e grupos escolares na sede, em Jesuítas e outros bairros e vilas.

SEQUE



A pracinha de Carajá (foto em cima) tem a delicadeza de um crômo com suas variedades florais. O vereador Valmor Cattanio, líder do distrito, diz que ela é o cartão de visitas do lugar. Embaixo, Iracema: mais um núcleo de desenvolvimento. Média alta de construções novas, já contando com uma unidade escolar do Estado em convênio com o Município.



Em Fokshima uma escolinha municipal padrão de uma sala para 40 alunos; em Bela Vista e em Iracema unidades de 2 salas feitas em convênio com o Estado. O objetivo é substituir as escolas deficientes, como a ainda existente na estrada do Jacaré.

CAFÉ É REI MAS O MILHO AVANÇA



A lavoura é diversificada. O café perdeu um pouco a sua força nas proximidades da sede, mas ainda é rei em outros pontos do município. Lavouras de milho e hortelã, soja e arroz se desenvolvem bem.

O café ainda é uma força em Formosa D'Oeste. Há quem entenda, inclusive, que apesar de todas as vicissitudes, é ele quem deve definir a economia. Mas enquanto na sede a lavoura cafeeira manifesta sinais de decadência e a área ocupada pelo milho, pela hortelã, feijão, soja e arroz — e alguns núcleos pecuários — tendo a alastrar-se, a verdade é que em Jesuitas, especialmente, a rubiãcea ainda impera.

Em outros pontos de Formosa também se repete o fenômeno e espera-se com base nas primeiras estimativas uma produção de 400 mil sacas em côco. Por falar nisso, os produtores lembram com satisfação a visita dos técnicos da CEPRES — Comissão de Estudos de Previsão de Safras (convênio Codepar-Ministério e Secretaria da Agricultura) — que efetuaram pesquisas na região sobre as culturas principais.

Acredita-se que haverá 1.600.000 sacas de milho, 400 toneladas de óleo de menta, 300 mil sacas de feijão (a seca atrapalhou muito), 150 mil sacas de soja e 50 mil sacas de arroz.

O prefeito já percebeu a importância dessa previsão; ela porá fim ao empirismo, aos dados fantasiosos que não ajudam ninguém e dará ao produtor um instrumento de defesa dos preços. Além disso vai ajudar a fazenda pública estadual e municipal a contar com mais um mecanismo para impedir a evasão de rendas.

Como o município tem características agrícolas, uma das primeiras preocupações — seguida de uma vitória à base da raça — foi montar a infra-estrutura econômica através da energia elétrica e em seguida melhorar as condições dos transportes. Para garantir de um lado (apesar da balsa) o fluxo normal de escoamento de mercadorias e de outro o beneficiamento de matérias primas locais nas suas 14 serrarias, 8 cerâmicas, 3 máquinas de café, 100 alambiques de menta, 13 máquinas de arroz.

A situação financeira é favorável, havendo uma média de 1 milhão de cruzeiros novos em depósitos nas agências do Banco Mercantil e Industrial do Paraná na sede e do Banco do Estado em Jesuitas.

JESUITAS, A CIDADE QUE EXALTA PADRES CATEQUISTAS



Jesuítas é uma potência de Formosa. Recentemente viveu momentos festivos com as homenagens prestadas a Nelson Petchow, diretor da Carteira Agrícola e Industrial Norte do Banco do Estado, por motivo da instalação da agência do estabelecimento de crédito oficial na localidade; a Joaquim Junqueira, diretor do DAEE, que levou a energia da Usina de Melissa à região, ao deputado estadual Roberto Galvani, defensor dos interesses do oeste no legislativo estadual. Os homenageados receberam títulos de cidadania honorária. O prefeito Antonio Fregulia e o sr. Ennio Pepino, dirigente da Sinop, foram presenças destacadas.



Jesuítas, de fato, já é uma cidade. Em menos de 10 dias a agência do Banco do Estado do Paraná, inaugurada em agosto, já se colocava entre as bem situadas em movimento de depósitos: 500 milhões de cruzeiros antigos.

O gerente da agência, João Batista Aruda, é um entusiasta da localidade e diz que se não houver geada nos próximos três anos ninguém será capaz de prever o futuro de Jesuítas. Sua agência já é a 45ª de todo o Estado em movimento de depósitos. Conta com 1.300 depositantes e 200 clientes de empréstimos. Já houve, nos programas de financiamento à pequena lavoura, aplicações num montante de 400 mil cruzeiros novos.

— Jesuítas quer ser município e o será — frisa Ludovico Chicowski, presidente da Câmara Municipal de Formosa e líder do distrito. Fala que só falta preencher o número de eleitores (já contam com 2.200 inscritos) para o enquadramento completo dentro das exigências de lei para ser município.

Ludovico é catarinense de Canoinhas, mas criou-se em Curitiba. Seu forte é a profissão de mecânico e isso se revela pelo interesse com que ajuda as operações do trator Caterpillar D8 da Prefeitura na abertura do novo traçado da rodovia que demanda a Assis Chateaubriand.

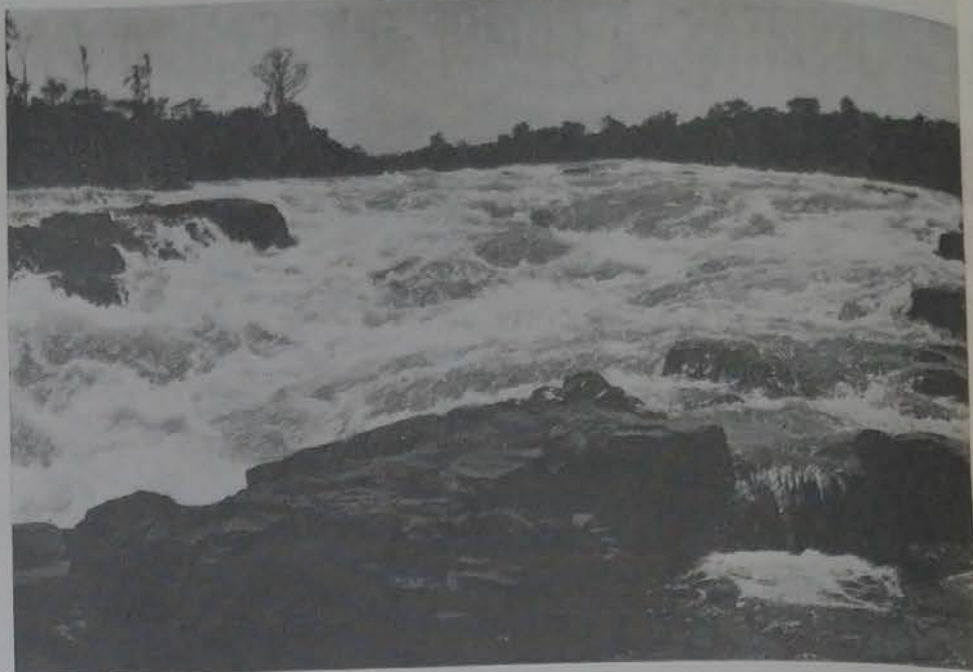
Jesuítas é uma cidadezinha linear, cujas ruas só guardam nomes de padres da Companhia de Jesus como Anchieta e Nóbrega. 2 farmácias, 2 hotéis, 1 moderno posto de gasolina, 45 estabelecimentos comerciais (secos e molhados), tecidos, bazares, açougues, sapatarias e bares), 1 fábrica de palmito enlatado, 1 hospital (direção do médico Augusto Octaviano), 2 oficinas mecânicas, 1 contador, 4 dentistas, 1 advogado, 2 alfaiateiras, 1 ferraria, 3 serrarias, 3 olarias, constituem o cadastro comercial, industrial e profissional.

Os patrimônios de Carajá (excelente praça central) com variedades de flores e gramados) e Iracema também se expandem. O primeiro tem cerca de 10 estabelecimentos comerciais, 3 serrarias e 2 máquinas de arroz. Iracema tem 10 estabelecimentos comerciais, 3 máquinas de arroz, 2 serrarias e 1 cerâmica.





Benfeitorias implantadas pelo Município fazem do Parque do Apertado um excelente ponto de recreação e turismo. As corredeiras são frequentadas, nos fins de semana, por centenas de pessoas que escolhem esse aprazível recanto do Piquiri para excursões e pic-nics.



FORMOSA VAI BEM DE TURISMO E RECREAÇÃO

O maior atrativo naturalístico de Formosa D'Oeste é o Apertado, uma espécie de mini — Sete Quedas no rio Piquiri, bem próximo da sede. Nesse ponto do rio, o leito, em média de 195 metros, forma uma garganta de 14 metros sobre uma sucessão de rochas, o que dá ao local um espetáculo de grande beleza, tanto nas cheias como quando o rio está em nível normal. Há ali, lado a lado, a violência da passagem das águas revoltas e os remansos. É o paraíso dos pescadores e excursionistas e a Prefeitura está instalando ali um parque de recreio com proteção das áreas florestais e a construção de um galpão típico, bancos e churrasqueiras. Merece figurar no mapa turístico do Estado e pode servir de base até para atrair visitantes de toda a região e de outros pontos do Estado.

Afora os acidentes do rio, de impressionante plástica, há a variedade da fauna e da flora, componentes certos para um parque ou estação biológica.

Hoje, graças ao interesse da Prefeitura, os meios de acesso com o Apertado estão sensivelmente melhorados e já se cria a tradição de fazer ali os churrascos comemorativos, onde autoridades e povo homenageiam os grandes acontecimentos como aconteceu quando da abertura oficial da estrada «Engenheiro Edmundo Mercer».

Mas a vida recreativa de Formosa conta ainda com outros instrumentos: a população acompanha com orgulho o andamento da construção da sede e instalações desportivas do Tênis Clube. A Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná — SINOP — doou o terreno e a Prefeitura coopera com os serviços de terraplenagem. É a comunidade se organizando para ter o seu clube característico, aquele que será a lídima expressão

do que a sua gente tem de melhor, onde se registrará nos seus bailes e atividades esportivas a evolução formosense.

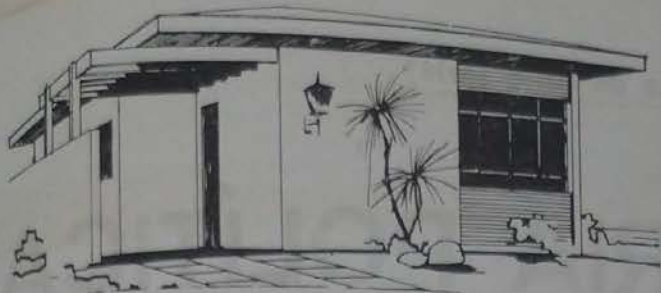
Existem ainda os clubes populares: o Clube Atlético Formosa, grêmio futebolístico, é um deles. Um grupo de pessoas, liderado entre outros por Francisco Coelho de Alencar, Walter Bartol e Orlando Marrafin, quer criar o Flamengo. Por enquanto a equipe vai de camisa verde — o que se compreende numa região onde a maioria dos torcedores é Palmeiras ou Corinthians — mas, quando a situação financeira melhorar, o Mengo entrará em campo com o uniforme rubro-negro.

O Formosa Tênis Clube está, porém fadado a ser o grande clube e a ação desencadeada de 4 de junho, quando foi fundado, até agora é das mais dinâmicas. Sua diretoria é a seguinte: presidente: Tadashi Obata; 1º Vice: Onório Ferrari; 2º Vice: Eurípides Afini Neto; 1º Secretário: Arnaldo Carneiro dos Santos; 2º Secretário: Roque Ramos Júnior; 1º Tesoureiro: Franz Ariovaldo Reitter; 2º Tesoureiro: Jayme Pereira Ayres; Relações Públicas: Aldir de Oliveira Brandão; Diretor de Obras: Nestor de Mello Parra e Diretor Social: Wilson Marcelino de Godoy. O Conselho Deliberativo: João Antônio Pickler, Waldívino José Lemos, Antônio Fregulia, Maurílio Siqueira Pinheiro, Lúcio de Mello Coelho e Arildo Loper.

Há, na parte recreativa ainda, dois cinemas, um na sede, outro em Jesuítas. E a Prefeitura vai partir para o novo Estádio Municipal. Afinal tudo isso é complemento indispensável numa cidade que começa a aspirar melhorias fundamentais e que possui rede telefônica (Formosa e Jesuítas com 50 a 40 aparelhos e o prefeito vai instalar telefones públicos em Carajá e Iracema) que pretende ver ligada ao sistema do Estado.



O Formosa Hotel, (em cima) implantado pela colonizadora, é, além de um padrão como hospitalidade, o local provisório dos grandes acontecimentos recreativos. Embaixo: o Formosa Tennis Clube, em construção. O andamento das obras é acompanhado com grande interesse pela sociedade que afinal vai ter a agremiação dos seus sonhos com debutantes e tudo mais.



Um dos modelos das casas a serem edificadas no conjunto residencial de Formosa D'oeste.

Em recentes contactos feitos na Capital do Estado, o prefeito Antonio Fregulia tratou da construção de mais uma unidade escolar de 8 salas, pré-fabricada, na sede de Formosa. Ainda esteve na Planepar, órgão técnico de planejamento, onde procurou acompanhar o andamento dos trabalhos referentes à implantação do Plano Diretor. Este se constituirá num Plano Global de Desenvolvimento e, feitos os estudos preliminares, constará do seguinte:

- diretrizes para o sistema viário urbano e rural e suas interligações com o sistema viário regional;
 - zoneamento da sede urbana, compreendendo programa de distribuição da população urbana, (densidade demográfica), e uso e aproveitamento do solo, (zoneamento).
 - setorização, compreendendo o projeto de ordenação da cidade em unidades orgânicas (unidades de vizinhança) e previsão dos equipamentos mínimos indispensáveis para cada setor.
 - legislação urbanística, compreendendo elaboração de leis com as normas urbanísticas.
 - conservação e correção do solo, compreendendo estudo completo do solo do município, incluindo as recomendações necessárias para sua melhor conservação e eventual correção.
 - regulamentação de um Conselho de Desenvolvimento Comunitário, compreendendo elaboração de seu regimento, maneiras de criação, formulas de sua composição, estatutos, etc.
 - programa de atendimento, com sistema de prioridades, nos campos: educacional, de saúde, de cultura, de recreação, etc.
 - levantamento da potencialidade natural do município e dos municípios com a finalidade de determinar eventuais empreendimentos industriais no local.
 - estudo das condições agrícola e pecuária do município, compreendendo sua análise e recomendações para o incremento e aperfeiçoamento das técnicas a serem adotadas.
 - Cronograma de execução das obras recomendadas, dentro das possibilidades do orçamento municipal, ou com ajuda de financiamentos externos, quer sejam estaduais, federais ou mesmo de agências de crédito do exterior.
- O Plano Diretor de Desenvolvimento Global traçará as normas gerais para as obras a serem executadas, assim sendo, dentro de um cronograma, serão elaborados os projetos específicos, como é o caso do projeto da rede de abastecimento d'água, rede de esgotos e de galerias pluviais, projetos de pavimentação, projetos para construções civis, etc.

PLANO HABITACIONAL

A Planepar Ltda., devidamente autorizada pela Credimpar, está projetando e irá construir, inicialmente, um conjunto residencial de 40 casas de alvenaria em Formosa d'Oeste.

Estas casas serão financiadas pela Credimpar em 120 (cento e vinte) meses, conforme normas do B.N.H. Este financiamento será feito da seguinte maneira: 90% pela Credimpar e os 10% restantes, provavelmente parcelados pela própria empresa.

Será a própria Planepar que irá cadastrar os pretendentes a aquisição das casas bem como a sua seleção. Para tanto seu pessoal se deslocou a Formosa e tão logo estejam feitos o cadastro e seleção, as obras serão iniciadas, o que provavelmente ocorrerá em dezembro.

Convém frisar que este primeiro lote de 40 casas é apenas o passo inicial de um programa que prevê a construção de 100 (cem) unidades habitacionais, todas de alvenaria e com todos os requisitos da moderna engenharia.

Ao mesmo tempo serão iniciadas as obras para construção de moderna estação rodoviária, localizada em ponto já determinado, e que devido aos estudos e projetos será uma das mais avançadas, tecnicamente, do Estado.

Um conjunto habitacional valorizará grandemente a cidade, face ao nível das construções, melhorando a qualidade das moradias, além de ocupar mão-de-obra local e abrir uma área importante de aplicação de recursos.

O TRANSPORTE MAIS RÁPIDO ENTRE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM

24 HORAS

TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA
OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS

DIARIAMENTE

DE SÃO PAULO PARA

OURINHOS — CAMBARÁ — ANDIRA — BAN-
DEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNÉ-
LIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÉ —
ROLÂNDIA — ARAPONGAS — APUCARANA
— JANDAIA DO SUL — MANDAGUARI —
MARIALVA — MARINGÁ E VICE-VERSA

EMPRESA TRANSPORTADORA
ANDRADE LIMITADA

SÍMBOLO DE GARANTIA,
PONTUALIDADE E RAPIDEZ

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA HENRIQUE DIAS Nº 67
FONES: 93-6297 — 63-9894 — 63-2433
SÃO PAULO — CAPITAL

A PRÉ-HISTÓRIA POLÍTICA

SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA
(Especial para NP)

NOTA PRÉVIA — Num país de dimensões continentais como o Brasil a história local ou regional, ou, mais propriamente, a história posta em termos estaduais, tem valor relativo e até bastante discutível.

Em todo caso é com a soma dos fatos e acontecimentos locais que se escreve a história de uma Nação, desde que o pesquisador tem suficiente noção de conjunto para estabelecer e fixar as conexões e implicações que vinculam cada Estado ou cada região às origens comuns e ao destino comum de um mesmo povo.

Nesse sentido e sob esse ângulo é que talvez tenha relativo interesse esta tentativa de esboço da história política do Paraná — ainda aparentemente tão jovem — especialmente se soubermos fixar o papel que esta parte do Brasil desempenha como área de transição entre o centro do país — mais propriamente São Paulo e Rio de Janeiro — e as fronteiras hispano-americanas do extremo sul.

Visto dentro dessa perspectiva não há como negar que o Paraná tem exercido, política e socialmente, uma função de singular importância.

Por sua geografia, por seu clima, pelo tipo de seu povo, por sua situação como ponto-de-ligação no sentido quer Norte-Sul, quer Leste-Oeste, não é de estranhar que o Paraná tivesse a história que teve e, inclusive, que assumisse, como está assumindo, um papel muito curioso, que pertence mais ao futuro que ao presente.

Na medida em que o estudioso tome consciência desse papel ele compreenderá porque colocamos este trabalho como uma tentativa de interpretar não somente o passado, mas igualmente o presente e o futuro paranaenses, pela similitude de certos comportamentos políticos em sucessivos episódios nacionais do passado recente ou remoto.

A posição de Estado-tampão dá a seus homens características que explicam situações políticas às vezes estranhas e dúbias e uma timidez mesclada de audácia e, não raro, de ridículo que muitos acreditam ser peculiar e, no entanto, é comum a um status nacional em fases diferentes de desenvolvimento, como se verá na série que hoje iniciamos.

Politicamente, o Paraná começou a ter existência real com a criação da Província em 1853, como a última que se constituiu durante o Império.

As raízes de sua maioridade política entretanto devem ser consideradas, remontando à uma época anterior, que se confunde com a própria história colonial do país, na medida em que se foram afirmando, no território que hoje forma o Estado do Paraná, situações locais de direito e fontes privativas de poder que legitimavam reivindicações autonomistas.

Sem necessidade de descer a pormenores do passado, é sabido que a conquista e ocupação do território brasileiro se fez sob o signo, inicialmente, da procura do ouro e, logo depois da dilatação do Império português a oeste da linha imaginária do Tratado de Tordesilhas, para assegurar uma primeira repartição do mundo e a supremacia de

uma política, já na época importante, de esferas de influência, entre as então, duas maiores potências marítimas: Portugal e Espanha.

Dentro desse quadro de interesses coloniais, o atual território paranaense fez parte do quinhão mais precioso descoberto pelos portugueses, na América Meridional, banhado pelo Atlântico e cujo clima, mais assemelhado ao da Europa, devia naturalmente ser o mais disputado. Não foi por acaso que Martin Afonso de Souza, com reais serviços prestados à Coroa Portuguesa, teve a primazia de fazer a escolha das melhores terras para sua Capitania. Ele escolheu exatamente as terras do sul, a partir do litoral paulista, na dupla certeza de que no interior remoto das terras que escolhera estavam os maiores tesouros auríferos e, no planalto o melhor clima para as culturas europeias da época.

Históricamente, as primeiras penetrações de sertanistas se verificam em terras paranaenses, assim como foi nesta parte da colônia, exatamente em Paranaguá, que "explodiram", como notícia sensacional para a Metrópole, as descobertas de ouro.

A simples notícia da descoberta de ouro, levou as autoridades reais a conferir a Paranaguá a categoria de Capitania, embora ela não reunisse outros atributos e requisitos de população, de tradição e de prestígio para merecer tamanha importância política. A notícia não era falsa, como se verificaria pelas constatações reais das explorações minerais havidas. Não tinha, porém, a magnitude que inicialmente se imaginava. O tempo se encarregou de desfazer as ambições dos primeiros anos. E Paranaguá perderia, logo depois, a categoria invejável e invejada de sede de Capitania.

A disputa do oeste iria porém reacender e reavivar a atenção da Metrópole na região. A penetração jesuítica ao longo do rio Paraná e a formação da legendaria Província Indo-Cristã do Guairá, com dezenas de reduções indígenas à margem de afluentes paranaenses do rio Paraná (Paranapanema, Ivaí, Piquiri, Iguaçu) espicaçou os bandeirantes de Piratininga, que se lançariam sobre essa Xangri-lá quinhentista com o furor inelutável de novos bárbaros. Das cidades erguidas pelos padres da Companhia de Jesus, com vários milhares de indígenas aldeados, não ficou pedra sobre pedra. Os sertões foram afogados num mar de sangue, de terror e de morte.

O eco dessa carnificina atravessou os tempos, deixando nas novas gerações oriundas dos bandeirantes o sentimento de um serviço prestado a Portugal e, naturalmente, o de um direito ao respeito e ao reconhecimento das autoridades coloniais.

Paulistas e paranaenses eram todos, sem distinções de qualificação e naturalidade, orgulhosos dos dois maiores feitos do período colonial: a descoberta das minas e o recuo do Meridiano. Ambos, por mais de um século, fizeram parte da mesma e sobranceira Capitania de São Paulo e da Província que surgiu após a Independência, com a consciência, não raro exagerada, de haver transformado a pequena descoberta dos anos de 1500 no maior império português da América por volta de 1800, no alvorecer do século XIX.

O cientista Martius, na célebre obra que escreveu sobre a expedição que realizou pelo Brasil, no começo do século XIX, salientou a sobranceira do paulista como o tipo humano mais afirmativo e orgulhoso da Colônia.

Ora, os habitantes do atual Estado do Paraná eram paulistas, com o pequeno tratamento diferenciador de *curitibanos*, apenas pelo fato de viverem na jurisdição da 5ª Comarca de São Paulo, com sede na vila de Curitiba.

Havia, porém, uma diferenciação maior que os homens daquele tempo ainda não se tinham dado conta e que muitos ainda hoje não foram capazes de sentir. É que o homem paulista da 5ª Comarca da Capitania estava adquirindo traços, tendências e estilos de vida que o distinguiam dos de Piratininga.

A rigor, ele já não era o paulista típico. Tinha muito de gaúcho e de castelhano, pela secular tarefa das missões sertanistas na área de fronteira, além do aprêço pelas lides do campo, no tratamento do gado e na preocupação de formar grandes fazendas de criar, atraído pelas prováveis condições dos "campos gerais". É sabido que os

primeiros fazendeiros de gado foram paulistas, que haviam descido para o sul, atravessando os rios Itararé e Paranapanema. Com o correr do tempo, as relações e transações se estendiam ao Rio Grande, pelos campos de Viamão, de onde vinham as grandes boiadas e as pachorrentas tropas de burros, destinadas a prover as "minas" das Minas Gerais.

O paranaense foi, assim, se fazendo um misto de paulista e de gaúcho, sem prender-se a qualquer regionalismo ecumênico e sem apêgo a compromissos locais que envolvessem paixões e animosidades inconciliáveis de clã. Era o sultista "aberto", capaz de dialogar com paulistas e gaúchos, incapaz de isolar-se e de se "fechar" no ambiente particular de uma região específica e autosuficiente.

Com o tempo o paranaense da Capitania de São Paulo não foi só sertanista e criador de gado. Quando São Paulo começou a se fixar no café, refluindo para dentro de suas fronteiras, também o paranaense encontrou atividades locais próprias, em torno das quais concentrou suas melhores atenções: a erva mate e a madeira foram as atividades extrativas que a região oferecia como tarefa de menor esforço para a formação de uma nova fonte de renda regional, compensadora das anteriores e estenuantes tropelias pelo sertão.

Ao tempo das lutas pelas Independências, quando a Colônia já consciente de sua importância, disputava com a Metrópole um tratamento equitativo, começaram a germinar, entre as populações das áreas mais desenvolvidas, o sentimento de um governo que fosse não só independente e separado de Ultramar, como visivelmente liberal e republicano.

O vírus contagiante do governo próprio, que em épocas remotas levava um paulista a proclamar-se emancipado da Côrrea, intitulado-se poder republicano no planalto de Piratininga, foi o mesmo vírus que emancipou as colônias espanholas da América e impregnou a mentalidade de antiga Província de São Pedro do Rio Grande de repetidas rebeldias contra a Corte do Rio de Janeiro.

Os homens do Paraná, situados a meio caminho de duas regiões, de notório sentimento político auto-suficiente, desde cedo, alimentaram veleidades emancipacionistas e libertadoras, encaixadas por interessados, politicamente habéis, em atrair e canalizar essas paixões para a causa, ora de paulistas, ora de gaúchos, com os quais havia, inegavelmente, uma parcela de identidade.

A sabedoria da Corôa portuguesa, como depois a das autoridades imperiais do Brasil, consistiu sempre em compreender, e assim considerar o Paraná, como uma área-tampão, colocada a igual distância das tentativas de invasão castelhana e de rebeldia gaúcha ou de envolvimento paulista, na medida em que São Paulo assumia proporções de ameaça para o poder constituído.

Esta posição sui-generis do Paraná levava à divisão das forças políticas locais, que tinham, entre si, ponderáveis motivações para atritos. A interferência de interesses de terceiros, buscando atrair apoio para a causa que defendiam, tinha e sempre teve a função de enfraquecer a posição do Paraná na defesa das suas próprias causas fundamentais, animando um fenômeno chamado politicamente de "antropofagia", que consiste na prática de devorar os valores humanos locais na medida em que a paixão pessoal e o sentimento de dignidade é posto acima dos interesses comuns da coletividade. Isto é um pouco do que sobrou no paranaense das suas heranças, no contacto com o espanhol, sempre pronto para o duelo em defesa da honra ferida.

Esse papel de Estado-tampão que o Paraná exerceu no curso dos três períodos clássicos da história brasileira — na Colônia, no Império e na República — se completa com a estranha vocação do paranaense para encontrar quase sempre um ponto estratégico de natural coexistência entre a autoridade do poder central e as turbulências da periferia nacional, por tradição ressentido com o desamparo e o alheamento tanto da República como, anteriormente, do Império. Alheamento e desamparo que, afinal, decorria menos da intencional indiferença do poder central que da impossibilidade material e notória de fazer-se presente em todos os pontos do território nacional.

Manuseando os velhos cronistas do passado colonial ficamos sabendo que as autoridades do Rio de Janeiro estavam, constantemente, procurando dar recursos militares para a formação de pontos de apoio no Paraná, de sorte a garantir-se contra as investidas castelhanas.

Nos primeiros anos da Regência, quando estourou a Revolução Farroupilha, a preocupação maior era fazer do Paraná uma frente estratégica de defesa contra a possibilidade de "subida" dos rebeldes de Bento Gonçalves. Até a promoção de colônias estrangeiras, se desenvolveu no sentido de ocupar áreas importantes do interior que pudessem eventualmente, dar condições para a formação de milícias, em defesa da autoridade constituída.



Curitiba abriu a série dos planos com levantamento da Serete, financiado pela Codepar. Londrina, depois do plano preliminar do Codem, entregou a execução do trabalho à Asplan.



Cidades de grande concentração demográfica estão passando pela radiografia dos técnicos em desenvolvimento municipal. Ponta Grossa, como Maringá, Londrina, Paranaguá e Apucarana, já passaram pelos exames básicos. Concluiu os planos diretores do Litoral, Ponta Grossa e Apucarana.

PARANÁ EM "CHECK UP"

Há cinco anos o Paraná vem sendo submetido a um verdadeiro «check-up» em todos os setores de sua realidade econômica e social. Agora as inversões do Estado, a CODEPAR — Companhia de Desenvolvimento Econômico — tem aplicado 3,2 milhões de cruzeiros novos nessa atuação em levantamentos e pesquisas. Dezenas de comissões hoje funcionam coordenando órgãos federais, municipais e do Estado (ministérios, universidade, secretarias de Estado, prefeituras), nessa ação de diagnóstico. A CEPRES — Comissão de Estudos de Previsão de Safras — é das mais recentes e resulta de convênio entre aquela empresa, o Ministério e a Secretaria da Agricultura. Concluiu o preenchimento de formulários de todos os municípios sobre produção, calendário, rendimento, meios de transporte, excedente, condições meteorológicas, incidência de pragas e doenças, fontes de financiamento, tendências das áreas plantadas, fluxo de produção. Após a crítica dos dados levantados, a CEPRES baixará critérios para um dos melhores serviços especializados de previsão agrícola de todo o país e que será um instrumento de defesa do produtor e subsídio valioso para a atividade industrial que transforma produtos agropecuários. Esses levantamentos se interligam com os de outras comissões como as que tratam do mapeamento florestal, geológico e climatológico.

No setor municipal, por exemplo, a atuação da Comissão de Desenvolvimento Municipal (convênio CODEPAR-DATM) está se fazendo sentir em diversos pontos do território e vem possibilitando uma verdadeira radiografia de pontos de estrangulamento e de condicionantes econômicas que podem e devem ser modificadas para que a administração local possa comandar na medida do viável o processo de desenvolvimento.

O SISTEMA NACIONAL DE PLANEJAMENTO LOCAL INTEGRADO

Com a elaboração do Programa de Ação Econômica do Governo, em 1964, buscou o governo federal sistematizar o planejamento no país. Era preciso dar continuidade à obra de reorientação do desenvolvimento nacional, propiciando às novas administrações um Plano Nacional de Desenvolvimento Integrado. A essa tarefa dedicou-se o Ministério do Planejamento. Surgiram então as bases dos planos integrados municipais, dentro do espírito que preside a formulação da estratégia do desenvolvimento harmônico do território nacional. E a partir daí, o Sistema Nacional de Planejamento Local Integrado, estruturado aos níveis federal, estadual, regional e municipal.

A criação de órgãos estaduais de planejamento não é uma realidade comum a todo o país. No plano regional, a instalação de órgãos desse tipo depende da progressiva implantação de planos diretores de desenvolvimento municipal. Finalmente, órgãos de planejamento a nível de administração municipal estão restritos às capitais e às cidades de maior importância de cada Estado.

O PARANÁ E O PLANEJAMENTO

O extraordinário crescimento demográfico do Paraná e a evolução de sua economia impuseram à administração pública a necessidade de planejar criteriosamente suas intervenções. Entretanto, a exemplo do que ocorre na maioria dos Estados brasileiros, os municípios do Paraná não contam com corpo técnico especializado, nem recursos financeiros suficientes para a elaboração de Planos e Projetos de Desenvolvimento. Visando suprir esta deficiência e atender de modo satisfatório à exigência de ação planificada — tendo em vista obter-se resultados harmônicos e racionais em favor da economia e do bem-estar social do Estado — o Governo do Estado criou a Comissão de Desenvolvimento Municipal — CODEM, através de convênio entre o Departamento de Assistência Técnica aos Municípios — DATM e a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná — CODEPAR.

COMO FUNCIONA A CODEM

Não possuindo corpo técnico próprio, a CODEM contrata os profissionais ou firmas especializadas necessários para cada Projeto e as despesas a ele referentes são cobertas por intermédio da participação da Prefeitura interessada e da CODEPAR ou de financiamentos externos. Funciona à base de uma estrutura bastante simples e flexível: uma Junta Deliberativa, formada por representantes dos órgãos que participam do convênio, determina as linhas políticas de ação; e uma Junta Administrativa, composta da mesma forma, encaminha a execução de estudos através de projetos específicos.

A EQUIPE DE PLANEJAMENTO

A orientação adotada e a metodologia de planejamento escolhida indicaram a necessidade de técnicos de diferentes especialidades, já que, antes de buscar orientar o desenvolvimento da comunidade atendendo apenas a seu aspecto físico, trata-se de promovê-la como um todo a níveis superiores ao que se encontra. Na medida do realizável, a orientação do desenvolvimento não se processa por meio de fórmulas rígidas. Ainda que obediente a uma metodologia prática, o trabalho é eminentemente criativo e o esforço de desenvolvimento global exige capacidade para repensar os termos do problema à luz dos postulados da promoção humana.

Levando em conta essa orientação geral, a equipe de planejamento é composta de um arquiteto, um economista, um sociólogo, um administrador e um educador, além de uma assistente social e um técnico em divulgação. Conforme cada caso exige, a equipe conta com o assessoramento de outros profissionais, como engenheiros, demógrafos e estatísticos.

O PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO

Um plano diretor é fundamentalmente um conjunto de documentos de caráter

marcadamente técnico, no qual são especificadas uma série de recomendações visando aperfeiçoar a circulação, o controle do uso da terra, a densidade da ocupação do solo e os processos construtivos. As medidas de natureza econômica ou social, de âmbito nacional ou estadual, de uma forma ou de outra se traduzem ao nível do município, condicionando a vida de seus habitantes. Na escala municipal, o planejamento territorial visa ordenar o crescimento físico das áreas urbanas, tendo em vista os objetivos da comunidade, as funções regionais da cidade, o equilíbrio entre as zonas rurais e urbanas e, acima de tudo, o desenvolvimento econômico e social da população, de uma forma integrada e harmônica.

O Plano Diretor não desce a detalhes, mas estabelece diretrizes gerais, definindo os setores básicos, os aspectos essenciais da estrutura social e econômica do município, os principais entraves ao seu desenvolvimento, recomendando intervenções destinadas a promover alterações estruturais.

FASES DO PLANO

Basicamente, um Plano Diretor se divide em duas grandes fases: Pesquisa e Propostas. No desenvolvimento desse processo, essas fases compreendem o contato global, pesquisa, propostas, plano preliminar, discussão e plano diretor. Durante o contato global, os planejadores buscam obter uma visão ampla da realidade do município, suas relações com a região em que está inserido e as condições de vida humana. Os dados obtidos durante essa fase são criteriosamente analisados, visando localizar os pontos considerados mais importantes. Esses pontos ou setores são então pesquisados em profundidade, na fase da pesquisa, seguindo-se a fase das propostas, quando então realiza-se uma análise crítica dos problemas, visando a escolha das prioridades de intervenções necessárias e o estudo de sua viabilidade. A partir das propostas, os planejadores elaboram o plano preliminar, definindo a estrutura básica do trabalho. Em seguida, na fase da discussão, o plano preliminar é debatido com os representantes da comunidade, após o que formula-se o trabalho final, o plano diretor, que deverá transformar-se em lei aprovada pela Câmara de Vereadores.

SETORES DO PLANO

Os problemas urbanos são interdependentes e não podem ser tratados como casos isolados, particularmente no que se refere ao desenvolvimento da comunidade. O desenvolvimento urbano não pode dissociar-se do econômico e do social, já que a cidade é o centro dinâmico da organização espacial, política, econômica e social da comunidade. A determinação de objetivos e metas de desenvolvimento é uma função política. O técnico participa dentro do mecanismo de decisões políticas, trazendo uma interpretação objetiva da realidade e propondo caminhos alternativos para alcançar objetivos previamente determinados.

A filosofia básica do planejamento integrado é a inter-relação dos aspectos físicos, econômicos, sociais e administrativos razão pela qual a planificação deve ser integral, englobando todos esses aspectos. A composição da equipe de planejamento leva em conta essa orientação geral.

DIFICULDADE DE IMPLANTAÇÃO

Um Plano Diretor representa uma fase rudimentar da implantação de um sistema de planejamento e por isso precisa ser realista na formulação das propostas, de modo a que estas não desconheçam as condições estruturais e conjunturais do Estado e do País. Sobre tudo em países subdesenvolvidos, o plano tem que levar em conta que, se não tiver condições de integrar-se no contexto econômico nacional, igualmente não terá condições de exequibilidade.

Dificuldades de outra natureza, contudo, precisam ser vencidas para que os planos possam ser implantados. É indispensável, em primeiro lugar, o apoio do poder político executivo e legislativo para sua execução. Igualmente, é preciso conseguir a motivação, conscientização e aprovação da população para o plano. A existência de um órgão técnico local permanente em condições de aplicá-lo aos casos concretos e capaz de reorientá-lo segundo as modificações da realidade é também muito importante. Finalmente, o plano deve possuir uma qualidade intrínseca que lhe permita, partindo de uma situação dada, indicar com realismo a estratégia de ação para alcançar objetivos definidos.

APOIO DO GOVERNO

No Paraná, tem sido possível a elaboração de planos diretores de desenvolvimento graças ao apoio que o Governo Paulo Pimentel tem concedido às tarefas de planejamento. Atestando maturidade política, o Governo do Estado, através da CODEPAR, tem propiciado aos municípios do Paraná condições de desenvolvimento autônomo, à base de critérios técnicos e mediante uma linha de ação definida. Essa tarefa vem sendo exercida criteriosamente pela CODEM e hoje já é possível apresentar um saldo positivo em termos de planejamento.

PLANOS ELABORADOS E EM ELABORAÇÃO

Em apenas um ano e meio de atividades, a CODEM já promoveu a elaboração dos planos diretores do Litoral e de Ponta Grossa, além do Levantamento Sócio-Econômico e Urbanístico de Londrina. Acaba de concluir o Plano Diretor de Desenvolvimento do Município de Apucarana e está em vias de terminar o plano de Paranaguá. O plano de Maringá já está a meio caminho, devendo iniciar-se em breve a elaboração dos planos diretores de outras cidades de importância estratégica do ponto de vista econômico, completando, até abril de 1968, cinco planos diretores elaborados e dois em elaboração.

DA MANIA DE CONsertar O MUNDO

Em toda parte, há sempre alguém querendo, de alguma forma, consertar o mundo; cada qual, porém, a seu jeito, de modo que, felizmente ou infelizmente, tais esforços se anulam.

O fato é que a velha história de que em cada cabeça existe uma sentença ainda está em vigor. E é por isso que os consertadores do mundo jamais se entendem. Cada um deles quer consertar de modo diferente: o velho acha que é preciso impedir que os moços continuem lançando modas extravagantes; enquanto os jovens não toleram as idéias "quadradas" dos antigos. Pais e filhos estão em constante conflito.

E entre os da mesma idade a briga não deixa de existir. Há divergências de várias espécies: o socialista em guerra com o capitalista; o clássico tentando desmoralizar o moderno e vice-versa; o homem e a mulher disputando direitos e campos de ação; políticos discutindo se as reformas devem ser feitas pelos métodos legais ou pelo uso da violência; debates tremendos sobre sistemas de educação; e mais uma série de pés-de-briga que levam o homem a não concordar com o semelhante, um achando que o outro está errado e cada qual querendo provar que sua fórmula de consertar o mundo é a ideal.

De tudo isso nascem os "istas": comunistas, integralistas, nazistas, fascistas, castristas, positivistas, um punhado de radicais engatados no mesmo sufixo, sempre trazendo a notícia de que ali está a salvação da humanidade.

Mas o fato é que o mundo continua o mesmo e a humanidade ainda não conseguiu libertar-se da angústia, da insegurança, das doenças, da fome, da ignorância, do medo de um amanhã que ninguém sabe como será.

Naturalmente, desde Adão até hoje, houve grandes progressos na civilização. Nos dias atuais, é muito raro um homem matar outro com o tacape: mata com bombas. Mas não sejamos tão pessimistas: houve também conquistas maravilhosas em todos os campos, as quais não precisam ser aqui repetidas.

O que, contudo, modificou pouco foi o entendimento entre os indivíduos. Ainda somos, todos os homens, um saco de encrencas. Ninguém compreende ninguém. E onde nos encontramos, estamos em estado de alerta, prevenidos contra o semelhante que, a qualquer momento, pode nos passar para trás. Esse sentimento de beligerância é que gera a guerra individual e a guerra entre as nações. E só no dia em que ele for inteiramente eliminado é que será possível, de verdade, consertar o mundo.

Quando será isso possível? Quem sabe? Cristo já veio aqui, muito antes de nós, trazendo grandes mensagens de amor. No entanto, foi crucificado. Ficaram seus ensinamentos, mas poucos os seguem, porque, por mais que um homem se sinta disposto a amar a humanidade, ele está sempre com medo de ser incompreendido, maltratado, odiado, sacrificado por essa mesma humanidade.

O medo de amar é o mais grave problema de nossa espécie. E não será fácil eliminar esse medo, que parece vinculado à nossa condição humana — um mistério inexplicável, talvez um castigo, quem sabe consequente do erro que a Igreja explica como sendo o pecado original.

Daí chegar-se à conclusão de que será impossível consertar o mundo sem antes consertar o homem. Nós somos o defeito e não as circunstâncias que nos envolvem. O erro está no sujeito e não no objeto.

Ganhamos um planeta, para presidi-lo. No entanto, até hoje falhamos nessa missão, porque não conseguimos confiar um no outro, o que impede que nos amemos. E se não existe amor, não existe paz. E se não existe paz, não existem condições para consertar coisa alguma.

A pluralidade de fórmulas resulta em que umas anulem as outras. Por isso, não resta outra saída senão a paciência de esperar, até que algum dia surja uma fórmula melhor que as outras e então a humanidade se sinta feliz dentro deste mundo hoje desesperado.

Qual o primeiro pôrto brasileiro
aprovado no
"teste de investimento" do BID?

PARANAGUÁ

É com orgulho que anunciamos esta vitória. Nosso "Plano de Expansão e Melhoramentos", a ser realizado até 1969, aplicará 11,9 milhões de dólares em dragagens, ampliações do cais geral e de combustíveis e construção de silos para cereais.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, aprovou nossos projetos e já contratou os financiamentos necessários à realização das obras.

Este é o primeiro programa portuário financiado pelo BID no Brasil. É o segundo da América Latina. O esforço que estamos desenvolvendo é a resposta ao desafio de uma vasta região continental, ávida de progresso — incluindo a

República do Paraguai, para a qual somos "pôrto livre". Estamos orgulhosos.

Estamos cumprindo um programa de governo — do Governo do Estado do Paraná, e do Governo Federal,

através do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis do Ministério da Viação e Obras Públicas. E estamos realizando a nossa vocação geográfica de grande pôrto da região Extremo-Sul brasileira.

ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DE

PARANAGUÁ E ANTONINA

Paranaguá - Paraná

Escritório em Curitiba - Edifício ASA

Rua Voluntários da Pátria 475, 1º andar, sala 6,

fone 4-9010, ramal 76

Escritório em São Paulo - Rua Conselheiro

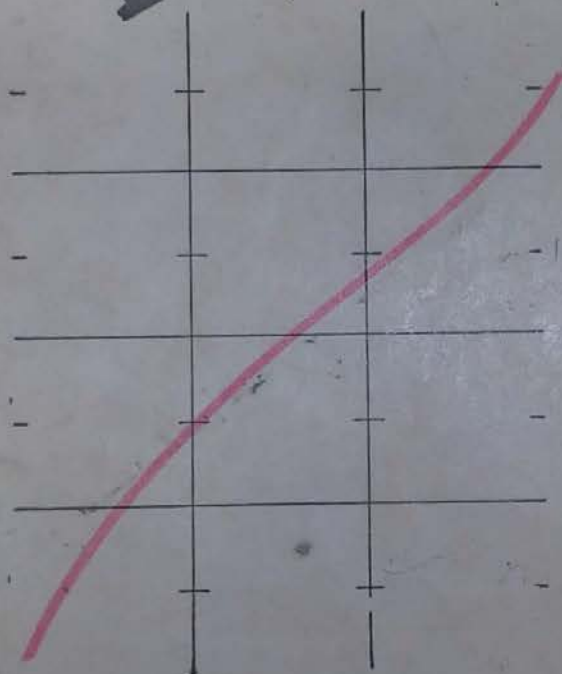
Crispiano 344, 7º andar, sala 705, fone 33-1343



COMPROVADA **RESISTÊNCIA**



DO CIMENTO **MARINGÁ**



Ensaio de resistência a compressão efetuados diariamente com o Cimento Portland MARINGÁ, apresentaram a seguinte média:

3 DIAS - 150 Kg/cm²
7 DIAS - 230 Kg/cm²
28 DIAS - 350 Kg/cm²

Início de pega - 2 horas e 30 min.

COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND

ESCRITÓRIO CENTRAL E VENDAS
RUA SÃO BENTO, 329 - 9.º
FONE: 33-3484
SÃO PAULO

FÁBRICA
ITAPEVA
FONE: 3
SÃO PAULO

